

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**MARIA TEREZA PEREIRA DOS SANTOS**

**MAPAS MENTAIS NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO BAIXIO,  
IRANDUBA/AM**  
**VERSÃO CORRIGIDA**

**São Paulo**

**2011**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**MARIA TEREZA PEREIRA DOS SANTOS**

**MAPAS MENTAIS NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO BAIXIO,  
IRANDUBA/AM**

**VERSÃO CORRIGIDA**

**Dissertação apresentada à Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção do  
título de mestre em Geografia Humana.**

**Orientador: Prof. Dr. Elvino Rodrigues Martins**

**São Paulo**

**2011**

**Nome: Maria Tereza Pereira dos Santos**

**Título: Mapas Mentais na Percepção dos Moradores do Baixio, Iranduba/AM**

**Aprovado em:**

**Banca examinadora**

**Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_**

**Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_**

**Banca examinadora**

**Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_**

**Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_**

**Banca examinadora**

**Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_**

**Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_**

À Minha mãe Zilda Pereira (*in memorian*) pela dedicação e demonstração de amor.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Élvio Rodrigues Martins, meu orientador por ter me aceitado como orientanda, pelas conversas e paciência no decorrer do processo da pesquisa.

À professora Dr. Fernanda Padovesi, pela contribuição cartográfica e pela troca de informações relacionadas a temática .

Aos meus familiares: Letícia, Mônica, Danuzza, Davi, Fátima, Zé Maria, Eduardo, Marcos pelo incentivo, por participarem do sonho que se concretizou através desse mestrado.

As amigas de jornada acadêmica: Arliene, Cristiane Dilza, Dilma, Jociane, Eliane, Kátia, Iolanda, Maria de Nazaré; juntas vivenciamos momentos de alegria, de descontração e de ansiedade. Perseverança é a palavra que resume a todos os mestrandos e doutorandos que embarcaram nessa empreitada aqui em São Paulo.

Aos amigos de ‘Sampa’: Ana Elisa, Aninha (da reprografia), Priscila pela tradução, Taís, Isadora, Hadaquel pela correção textual, Germano pela ajuda nos gráficos, Cleverton José pelo acolhimento, Emerson por toda a gentileza prestada, Fabiana Beatriz ,Sanaiane pela paciência, Fátima pela atenção e por fim Karen e Gerson por nos proporcionar um abrigo.

Aos amigos e amigas de solidariedade: Karina, Laudicéia, Patrícia, Celiane, Edelson, Vânia Maria, Isadora, Angela, Lenilda, Flávia, pelo incentivo e cooperação.

Às professoras Raimunda e Nonata, aos professores Rodinei, Valdir e, por fim, ao condutor Deca, que representam apenas uma parte das pessoas que foram fundamentais em nossa pesquisa da comunidade do Baixio.

Às Universidades do Estado do Amazonas e do Estado de São Paulo pelo convênio firmado.

À Secretaria de Estado de Educação do Amazonas.

À FAPEAM – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas.

Sobretudo a Deus.

## RESUMO

A experiência de percepção e a representação são a base para confecção de Mapas Mentais. Essas discussões se apóiam na geografia humanista cultural já que as Pesquisas de campo subsidiaram a confecção de Mapas Mentais que foram feitos pelos moradores da comunidade. A análise dessas representações mentais é apoiada na metodologia de Lima (2006) que utilizou o nível de percepção espacial, método este correlacionado ao método de Kozel (2007) que observou os símbolos utilizados e as interpretações relacionadas ao lugar, como as atividades sociais das pessoas. Tal metodologia citada foi aplicada ao conceito de geograficidade, por Dardel, e toponímia, por Tuan. Os Mapas mentais foram utilizados como forma de obtenção da percepção dos moradores da comunidade Santa Luzia do Baixo, no Município de Iranduba no Estado do Amazonas, buscando, assim, em nossos estudos a representação do lugar vivido a partir daqueles que estabelecem essa relação de geograficidade.

**Palavras chave:** Mapas Mentais, percepção, representação, geograficidade, toponímia.

## ABSTRACT

The experience of perception and representation is the base to produce mind maps. The discussions relies on the cultural humanistic geography. Field researches subsidized the production of mind maps which were made by the community residents. The analysis of these mental representations is based on the methodology of Lima (2006) that used the level of space perception; this method is correlated to the method of Kozel (2007), which look to the symbols utilized and the interpretations related to the place, like the social activities of people. The cited methodology was applied to the concept of geographicity of Dardel and of toponímia of Tuan. The mind maps were used in order to gain the perception of the residents from the community of Santa Luzia, located in the Baixo Island, in the city of Iranduba in Amazon state. Thus seeking, in our studies, the representaion of the lived place from those who establish this relationship of geographicity.

Key-words: Mind maps, perception, representation, geographicity, toponímia

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem foto aérea tirada na cheia na comunidade do Baixio, Iranduba/AM .....	14
Figura 2	Comunidade do Baixio período da cheia de 2009.....	33
Figura 3	Mapa Chinês do Séc. XV.....	36
Figura 4	Casas palafitas da Amazônia.....	38
Figura 5	Casas flutuantes da Amazônia.....	38
Figura 6	Croqui comunidade Santa Luzia do Baixio.....	39
Figura 7	Moradores da comunidade do Baixio utilizando transporte conhecido como voadeira.....	46
Figura 8	Malhadeira instrumento de pesca utilizado pelos ribeirinhos.....	49
Figura 9	Peixe caparari espécie de bagre, sendo segurado por morador da comunidade do Baixio.....	50
Figura 10	Escola Municipal Santa Luzia do Baixio, cheia 2009.....	52
Figura 11	Lavagem da melancia para comercialização do produto, na comunidade Santa Luzia do Baixio.....	53
Figura 12	Time de futebol do Santos na década de 60.....	60
Figura 13	Crianças brincando de futebol no campo do Santos.....	61
Figura 14	IV festa das Hortaliças, Novembro 2010.....	62
Figura 15	A religiosidade presente na comunidade de santa Luzia do Baixio.....	63
Figura 16	Crianças na Escola Municipal de Santa Luzia da Ilha do Baixio	64

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1	Representação iconográfica das crianças do Baixo.....	100
Gráfico 2	Representação iconográfica das crianças do Baixo.....	100
Gráfico 3	Representação iconográfica dos adolescentes do Baixo .....	101
Gráfico 4	Representação iconográfica dos adolescentes do Baixo .....	102
Gráfico 5	Representação iconográfica dos moradores adultos do Baixo.....	102
Gráfico 6	Representação iconográfica dos moradores adultos do Baixo.....	103
Gráfico 7	Representação iconográfica dos adultos da Escola do Baixo.....	104
Gráfico 8	Representação iconográfica dos adultos da Escola do Baixo .....	104

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Campo do Santos, a árvore, a casa, o lago, os peixes .....	75
Mapa 2	Campo de futebol.....	76
Mapa 3	O sol, as nuvens, as flores, a rabeta, as pessoas.....	77
Mapa 4	Ícones representando a palafita.....	78
Mapa 5	Campo de futebol.....	79
Mapa 6	Arraial da comunidade .....	80
Mapa 7	A festa da hortaliça .....	81
Mapa 8	Palafitas.....	82
Mapa 9	A centralidade.....	83
Mapa 10	Lago.....	84
Mapa 11	S, 15 anos.....	85
Mapa 12	M, 14 anos.....	86
Mapa 13	Religiosidade.....	87
Mapa 14	Campo de futebol.....	88
Mapa 15	Banco de sementes.....	89
Mapa 16	A ilha.....	90
Mapa 17	O panamá do Baixio e os pescadores.....	91
Mapa 18	A ilha do Baixio.....	92
Mapa 19	A ilha do Baixio.....	93
Mapa 20	A ilha do Baixio.....	94
Mapa 21	A ilha do Baixio.....	95
Mapa 22	O Baixio.....	96
Mapa 23	Paraná do Baixio.....	97
Mapa 24	Organização.....	98
Mapa 25	Família.....	99

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA FENOMENOLOGIA NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA .....	21
1.1 O lugar a geograficidade .....	24
1.2 A nova história da cartografia e a seu significado na geografia.....	41
2 ETNODIVERSIDADE E O IMAGINÁRIO DOS MORADORES DO BAIXIO.....	45
2.1 O lugar na percepção dos moradores da comunidade Santa Luzia .....	55
2.2 A geograficidade sobre ótica dos moradores do Baixio, Iranduba-AM.....	64
2.3 A redescoberta dos mapas mentais como elemento norteador da representação do lugar na geografia.....	68
3 OS MAPAS MENTAIS E A RELAÇÃO COM O LUGAR.....	73
3.1 As diferentes percepções, representações capitadas na confecção dos Mapas mentais.....	74
3.2 O que retirar de informação geográfica dos moradores do Baixio.....	99
CONSIDERAÇÕES .....	107
REFERÊNCIAS.....	108

Anexo 1 Roteiro de perguntas dos moradores do Baixio.

Anexo 2 Nível de percepção espacial

Anexo 3 Croqui da comunidade Santa Luzia do Baixio.(Vista Parcial)

Anexo 4 Croqui da Ilha do Baixio

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa sobre mapas mentais na percepção dos moradores do Baixo surgiu a partir do interesse em dar prosseguimento aos estudos na abordagem da geografia humanista cultural, utilizando como aporte teórico a fenomenologia existencialista.

O primeiro contato com os moradores do Baixo se deu através de estudos desenvolvidos em 2007/2008, sendo observado no último ano a ocorrência de um projeto chamado PCE, Projeto Ciência na Escola, no qual iniciamos pesquisas associadas à temática dos mapas mentais na percepção das crianças do Baixo. Diante das descobertas feitas durante o projeto, a nossa visão quanto pesquisadores foi aguçada pela curiosidade, surgindo à vontade de nos aprofundar em tal temática nessa pesquisa dando um enfoque maior a essa abordagem.

Portanto nossa intenção nessa pesquisa é a valorização do conhecimento adquirido a partir de experiências de cada pessoa com seu lugar ou, como afirma DARDEL (2011) que prima pela compreensão: pensar a terra, o lugar, a partir da percepção de quem a vive. Essa vivência da qual Dardel comenta não está apenas relacionado a situar o homem em um lugar, mas sim entender de que forma o homem se relaciona com esse lugar, como ele consegue perceber os fenômenos que estão em sua volta.

O lugar escolhido como foco em nossa pesquisa é a comunidade de Santa Luzia, no Município do Iranduba/AM, que está localizada à margem direita do Paraná da Ilha do Baixo e à margem esquerda do rio Solimões. Esta comunidade está próxima, 15 km, à sede do município de Iranduba cujo acesso pode se dar de barco, rabeta ou voadeira no período da cheia. Durante período da seca os moradores utilizam ônibus, carro ou giríco, espécie de tratorzinho.

A comunidade possui três lagos: Lago Grande, Lago do Caruaçu e Lago da Praia. Do ponto de vista econômico, a principal atividade desenvolvida na comunidade é a agricultura comercial com o cultivo de hortaliças, feijão de corda,

melancia e milho. Em contrapartida, a pesca é a atividade desenvolvida em menor escala, já poucos moradores comercializam o pescado sendo essa atividade mais para o sustento próprio do pescador. A pecuária, por sua vez, é pouco expressiva na comunidade.

A atividade de agricultura comercial é desenvolvida na comunidade no período da seca, pois nessa época as águas baixam e os sedimentos que são trazidos pelos rios fertilizam os solos de várzea e também surgem formações de praias próximas ao rio Solimões. Porém quando ocorre o período da cheia muitos moradores que desenvolvem à pecuária têm que se deslocar para áreas de terra firme para conseguir pasto para o seu gado.

A origem da comunidade Santa Luzia, surgiu a partir da migração nordestina intensificadas na década de 1940 na qual existia uma política de desenvolvimento apoiada pelo então Presidente Getulio Vargas que desejava aumentar o estoque de borracha dos aliados na segunda guerra mundial (1939-1945). Esta política visava reaquecer o mercado de borracha, principalmente recrutando nordestinos para trabalharem em seringais na Amazônia já que anteriormente já havia ocorrido o grande apogeu da borracha mas, que entrou em decadência posteriormente á concorrência com a Malásia.

Nesse novo cenário político fora firmado novos acordos entre o governo Vargas do Brasil e de Franklin D. Roosevelt dos Estados Unidos, proporcionando assim o aumento da produção da borracha esse período foi chamado batalha da borracha (1942-1945). Os nordestinos eram chamados de soldados da borracha, a esse trabalhador era prometido, riqueza e fortuna nas terras da região do Estado Do Amazonas.

À comunidade têm como principal fundador o Senhor Lula e o seu irmão José, os quais foram os pioneiros a desbravar essas terras. O nome da comunidade está atrelado ao nome de uma Santa denominada Luzia, a qual os moradores sempre fazem um novenário no mês de dezembro e celebram uma grande festa religiosa. A religiosidade é representada através de manifestações em que o profano e o religioso se encontram. Existem expressões e manifestações através de festas aos santos, arraial, batizados e a mais recente comemoração da colheita da produção de hortaliça que ocorre no mês de novembro.

Existem aproximadamente 400 pessoas morando na ilha do Baixio, a comunidade também se refere ao lugar como Baixio, que está relacionado à uma área

de várzea. Ao chegar a essa comunidade nos deparamos com um lugar que possui uma beleza cênica, típica de uma paisagem amazônica caracterizada por uma área de várzea baixa que de acordo com a sazonalidade no período da seca surgem praias, bancos de areia, rodeados por lagos, igarapés. No centro da comunidade é formado um campo de futebol que após chegar o período da cheia desaparece.

Na época da cheia ao navegar pela ilha do Baixio por seus igapós, furos, igarapés ouvi-se o canto dos pássaros , o som do banzeiro oriunda das águas que são jogadas pelas embarcações que passam próximas às margens dos rios e das ilhas ao longo do rio Solimões com suas águas de cor amarela, barrenta. Nesta época ocorre uma interligação entre essas vias fluviais, devido a subida das águas dos rios, torna viável e rápida a navegabilidade dos moradores ribeirinhos, possibilitando assim realizarem compras no centro de Iranduba ou chegarem até Manaus , além das compras aproveitam também para visitar parentes e amigos em outras localidades.



Fig. 1 Foto aérea tirada no período da cheia, Comunidade de Santa Luzia Ilha do Baixio/AM.

Fonte: ecastel Google Earth

A dinâmica e a paisagem geográfica ou a geograficidade como disse Dardel é modificada por seus moradores no Baixio, os mesmos têm que se adaptar aos suas diferentes sazonalidades representadas por diferentes ciclos climáticos e fluviais que caracterizam a região amazônica. Em relação as práticas do ribeirinho na Amazônia temos a contribuição de Diegues ( 2001, p.33), “ Quando as chuvas enchem os rios e seus riachos, que por sua vez regula a vida dos caboclos”. A sazonalidade interfere as diferentes atividades econômicas dos ribeirinhos o qual buscam através de seus conhecimentos e prática adquiridos aos longos dos séculos desenvolver e inovar suas diferentes práticas de agricultura, pesca, pecuária, extrativismo, alguns autores chamam a atenção para a nova teoria desenvolvida que buscam no Etnoconhecimento um resgate do conhecimento e prática de povos tradicionais indígenas e não tradicionais.

Na comunidade de Santa Luzia, ainda está presente o viver em comum todas as relações convergem para melhorar a condição de todos que moram na comunidade, seus moradores buscam sempre compartilhar suas atividades de forma mútua e não privilegiando seus interesses em detrimento de outros. Não estamos aqui fazendo uma apologia nem afirmando que não existam divergências entre os moradores em determinados momentos vivenciados em sua comunidade pode ocorrer interesses de ordem individuais mas nada que venha causar desentendimentos entre seus moradores mesmo porque a maioria das famílias que se formam possuem ligação fraternal e sanguínea as quais encontramos representadas a família Santos, e a família Silva e outras que se estabeleceram recentemente na comunidade.

Os moradores da comunidade possuem uma percepção aguçada em relação ao seu lugar que consiste em descobrir o sentido fenomenológico de morar nesse lugar os quais identificaram essa percepção de diferentes formas através de seus Mapas Mentais, das entrevistas e conversas informais passando assim a construir a sua própria geofricidade dando sentido ao viver do homem em relação ao lugar de sua existência. O imaginário também se faz presente na vida dos moradores através de suas lendas e mitos personificam sua forma de vivenciar seus lugares, o conhecimento e a prática do ribeirinho o leva a desenvolver sua Etnodiversidade.

A comunidade de Santa Luzia possui em sua centralidade três principais ícones como: igreja de Santa Luzia, o campo de futebol que se chama Santos, a Escola Municipal de Santa Luzia do Baixio. Baixio lugar de relações e representação, sócio-culturais e espaciais. Em cada ícone representado no Mapa Mental dos moradores da comunidade houve a complementação de informações sobre o imaginário dos moradores através das entrevistas e conversas. O imaginário dos moradores sobre o real às vezes se mistura ao irreal (sfumato) denominado por Loureiro.

Nossa proposta nesta pesquisa é representar através dos Mapas Mentais uma ferramenta de análise da percepção dos moradores do Baixio, entende-se por Mapas Mentais, Aquele mapa que possui um entendimento mais abrangente de acordo com a ideia de Nogueira(2001) “ Mapas Mentais têm um significado individual afetivo, sócio cultural e geográfico [...] os símbolos também aparecem assinalados e que dão pistas para entender que existe um significado invisível também destacado.”

De acordo com essa afirmação os Mapas Mentais trazem informações tanto do real que cerca o indivíduo como é relevante ressaltar o significado daquilo que não podemos ver mais que existe que é o invisível mas que as pessoas também percebem.

Esta pesquisa a priori foi desenvolvida por meio de estudos teóricos, depoimentos, filmagens, oficinas para confecção dos Mapas Mentais na comunidade de Santa Luzia na ilha do Baixio.

O aporte teórico está fundamentado em autores como: Claval, Dardel, Diegues, Harley, Holzer, Lévy, Lima, Nogueira, Kozel, Tuan. A partir de leituras e discussões realizadas sobre diferentes abordagens da geografia humanista, cultural, cartografia histórica, cultural, etnoconservação pretendeu-se avançar no desenvolvimento do trabalho. Antes do trabalho de campo foram feitos contatos com a ex diretora da Escola Santa Luzia, para sabermos das condições ambientais da ilha e providenciarmos transporte para chegar na ilha, pois no mês de junho ainda é época de cheia na Amazônia logo a ilha ainda se encontra parcialmente alagada, feito os contatos partimos para a execução da pesquisa in locu na comunidade do Baixio. As etapas do trabalho de campo foram divididas em três etapas.

Primeira etapa – Consistiu em conversar com os moradores da comunidade Santa Luzia para realizar inicialmente às conversas as entrevistas e filmagem, com um roteiro (anexo 1) de entrevista em mão sobre perguntas relacionadas a identificar a percepção do morador em relação ao lugar.

Segunda etapa - Foi feita uma pergunta ao morador de que forma ele representa no papel o seu lugar ou seja o mesmo deverá desenhar em uma folha de papel como ele percebe a sua ilha, sua percepção em relação ao lugar. O material utilizado nas oficinas da confecção dos Mapas Mentais correspondeu inicialmente a uma folha de papel 40 kilo, lápis de cor de cera, lápis de desenho, borracha, régua, posteriormente essa folha do papel 40 kilo foi substituído por folha de desenho a4, essa substituição deve a praticidade de locomoção do material e a redução do tempo de duração na confecção do mapa que antes era em torno de uma hora passando a ser de meia hora; e a nitidez e a resolução da representação é mais difícil ser captado no papel 40 kilo em detrimento ao do tamanho a4.

Terceira etapa - Após a confecção realizada por cada morador de seus Mapas Mentais, os mesmos deveriam comentar sobre a sua percepção de forma individual, identificando assim cada elemento representado em seu mapa assim, como seu significado.

No trabalho de campo foram realizadas quatro viagens durante a pesquisa até a comunidade de Santa Luzia. A primeira ocorreu no dia 11 de Junho de 2011, neste dia houve dificuldades dos moradores se deslocarem até a Escola de Santa Luzia, para

participarem das entrevistas e oficinas da confecção dos Mapas Mentais, o motivo é porque parte da comunidade estava parcialmente alagada em detrimento da sazonalidade do ciclo das águas da região apresentar-se no período da cheia no mês de Junho. Para dar continuidade nas entrevistas e confecção dos Mapas Mentais ,tivemos que em alguns momentos mudar nossa estratégia como isso indo até as casas de alguns moradores (adultos), dado o motivo do exposto acima.

A segunda viagem até a comunidade foi realizada no dia 26 de Julho de 2011, ás águas que circundam a ilha do Baixio estavam como um volume menor que do mês de Junho se aproxima a época da seca na região. Portanto demos continuidade no desenvolvimento da pesquisa nos deslocando até a casa dos moradores (adultos) , pois os mesmos não puderam comparecer até a Escola de Santa Luzia para as oficinas.

Terceira viagem ocorreu no dia 19 de Agosto de 2011, ao deslocarmos do porto do Iranduba até comunidade do Baixio , ocorreu um pequeno incidente ao adentrarmos a voadeira ( transporte fluvial) ,na margem do rio Solimões uma poeira trazida pelos ventos , nos ocasionou uma alergia nos olhos e assim provocando uma inflamação , dificultando a visão mas mesmo com esse incidente demos continuidade em nossa pesquisa. È importante utilizar alguns materiais de proteção nessas viagens de campo como: óculos de proteção protetor solar ,salva-vidas,chapéu ou boné, blusas de manga comprida e ter um excelente condutor de embarcação, porque ocorre frequentemente banzeiros espécie de onda no rio ocasionadas por embarcações maiores que dependendo da intensidade pode virar um outra embarcação menor.

Nessa viagem realizamos duas oficinas com as crianças da Escola Municipal de Santa Luzia pela parte da manhã, pela parte da tarde houve á continuidade das oficinas com os adolescentes da Escola, nesta etapa da pesquisa tivemos que modificar um pouco a metodologia pois nesse momento utilizamos para a confecção dos Mapas Mentais folha de desenho a4 como já foi esclarecido na segunda etapa da pesquisa.

Quarta viagem e última em nossa pesquisa , realizada no dia 13 de Setembro sendo que o retorno para Manaus só ocorreu no dia 14 de Setembro porque precisávamos realizar as oficinas e entrevistas com os adultos da Escola Santa Luzia no turno da noite. No início da viagem para à comunidade do Baixio fomos apresentados a uma tempestade típica nessa época do ano na Amazônia o que pode representar um perigo à navegação dependendo do tipo de embarcação e o lugar onde a pessoa se encontra , se a mesma estiver no meio do rio Solimões e com uma

embarcação de pequeno porte como canoa , voadeira à probabilidade de um acidente é maior, logo se a embarcação conseguir adentrar um Paraná poderá assim, evitar um acidente.

Como resultado do material produzido em nossa pesquisa foram confeccionados 72 Mapas Mentais , dentre os quais constam de crianças 24 mapas, com idades entre (4 e 12 anos), de adolescentes 27 mapas com idade entre (13 e 18 anos), de adultos total 21 mapas entre( 19 e 65 anos). De posse desse material foram feitas planilhas de cada grupo de moradores da comunidade, para identificar quais ícones de representação de formas e cores mais representativas apareciam nos Mapas Mentais. Após os cruzamento de informações nas planilhas e nos Mapas percebeu-se que havia uma certa homogeneidade nas forma representadas em alguns Mapas Mentais o que é fato pois o lugar é o mesmo ilha do Baixio ,mas logo a percepção é que é diferenciada entre os moradores. A partir dessas planilhas foi gerado gráfico dos ícones representado em cada grupo (crianças, adolescentes, adultos). E como forma ilustrativa escolhe-se 25 Mapas Mentais escolhidos por agregarem percepção diferenciadas das demais mais não descartamos com isso os outros Mapas Mentais , possivelmente serão futuramente incluídos em uma cartilha sobre Mapas Mentais que poderá ser utilizado como ferramenta de estudo na Escola Santa Lúzia pelos alunos, e moradores da ilha do Baixio.

A análise mais específica dos 25 Mapas Mentais encontrados em nossa pesquisa inicialmente utilizam o método de Lima que corresponde ao Índice de Percepção Espacial(IPE). De acordo como estudos na comunidade do Baixio o mesmo desenvolveu três representações espaciais, o que chamou de índice de percepção espacial maior, média,menor. A que corresponde a maior abranger a percepção que o morador têm de toda a ilha e o Lago Grande em torno do qual a comunidade se organiza, a média atinge sua percepção até o Lago Grande e o menor só consegue representar a margem do Paraná que está a comunidade.

Esse Índice de Percepção Espacial (IPE) a priori utiliza à observação da abrangência geográfica dos espaços naturais e produzido numa escala e o compara à área do desenho abrangida numa carta, fotografia aérea ou imagem de satélite 1:50:000 e dependendo da área abrangida pode-se afirma que o índice de percepção espacial varia de 1 para 3, sendo que quanto maior a área abrangida mentalmente pelo desenho do morador do Baixio , maior também é a escala de grandeza do nível de percepção,conforme o modelo hipotético abaixo:

Readaptamos esse método em relação a divisão das idades dos grupos de crianças,adolescentes,adultos. **Nível 1** de percepção crianças com idade de (4-12 anos) as mesmas representam e utilizam o seu espaço, lugar de uma forma mais restrita às vezes identificando elementos que estão mais próximos de sua visão. **Nível 2** de percepção compreende o grupo de adolescentes com idades entre (13 e 18 anos), o nível de percepção é maior em relação ao nível 1 geralmente muitos adolescentes já realizam atividades que lhes permitem representar mentalmente um geografia maior.

O **Nível 3** é representado pelo adultos (19 e 65) que possuem uma maturidade e desempenham diferentes atividades econômicas na agricultura,pesca,pecuária o que lhes permitem maior mobilidade dentro da ilha, logo sua percepção é mais abrangente.Assim como Lima , é fato que não existe uma rigidez em classificar, representar as diferentes percepções, principalmente quando se incorpora a subjetividade. Portanto utilizamos o método de Kozel para complementar essas análises subjetivas o qual a mesma utiliza em seus estudos o lugar vivido a partir das experiências individuais e coletivas com os que partilham os mesmos signos e símbolos. A autora enfatiza também a fenomenologia como forma de estabelecer uma conexão com Mapas Mentais.

Dentre as orientações de Kozel a que achamos relevante utilizar em nossas análises são: interpretação quanto a forma de representação dos elementos na imagem (paisagem natural,paisagem construída ou cultural), elementos móveis e imóveis; distribuição dos elementos ( horizontalmente,isolados, forma dispersa,perspectiva circular). Incluí-se também as noções de tempo –espaço-distância proveniente do conceito proposto por Dardel (geograficidade), Tuan ( topofilia).

Noção de distância ( longe, perto,dentro,fora), questão de afetividade, dos laços afetivos. As ações e as intenções humanas, questões do limite afetivo. Nem todos esses termos são utilizados em nossas análises somente aqueles que julgamos ser útil à análise em nossa pesquisa. Os capítulos em nossa pesquisa se estruturaram na seguinte forma: no capítulo 1 Fizemos uma contextualização da fenomenologia na ciência geográfica, desenvolvendo uma discussão sobre a importância da fenomenologia à ciência geográfica, conceituando o significado de lugar e a geograficidade, ressaltando assim as diferentes abordagens dos autores da geografia humanista cultural e da cartografia.

No capítulo 2 a abordagem buscou entender a contribuição da etnodiversidade e o imaginário dos moradores do Baixio para assim correlacioná-los à

percepção desses moradores. Foi ainda incluída a geograficidade dos mesmos na redescoberta da importância dos Mapas Mentais como instrumento de análise do lugar.

Ressaltando nossas análises, no capítulo 3 destacamos os Mapas Mentais e a comunidade do Baixio, caracterizando as diferentes percepções e representações captadas pelos Mapas Mentais.

## CAPÍTULO 1

### 1. Contextualização da Fenomenologia na ciência geográfica.

A fenomenologia, o existencialismo e outros aportes filosóficos serviram em diferentes momentos para fundamentar a formação da epistemologia humanista na geografia. Nossa intenção nessa pesquisa não é nos aprofundarmos sobre a fenomenologia, nem esgotar o assunto por entendermos que não somos filósofos e sim geógrafos. Reconhecemos, porém, que cabe a contribuição da fenomenologia em relação à temática escolhida em nossos estudos e que, *a priori*, também cabe discorrer sobre alguns conceitos, métodos e autores que trabalharam com o método fenomenológico. Dentre os geógrafos que abordaram a fenomenologia como aporte teórico à geografia, temos a contribuição de Buttimer.

A autora citada diz que “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a tornar-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então, procurar por denominador comum na experiência dos outros.”<sup>1</sup> Assim, a geografia fenomenológica amplia sua visão deixando de restringir apenas o mundo físico e humano passando a considerar a existência do mundo vivido ou do espaço vivido.

A fenomenologia traz um novo olhar em relação ao objeto geográfico e ao sujeito que experiencia os fenômenos, trazendo um diálogo entre a pessoa e o lugar, inserindo-a em um contexto sociocultural e fazendo-a vivenciar o mundo vivido. Em busca de encontrar uma discussão seja na geografia cultural, humanista ou da percepção, traz-se como inserção Merleau-Ponty que, embora seja filósofo, deixou sua contribuição à geografia, quando aborda sobre o mundo vivido.

Merleau-Ponty afirma que “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo. O mundo é aquilo que percebemos”(1999, p.14). Entendemos que, quando se utiliza o termo *mundo vivido* na filosofia a geografia o corresponde ao lugar, que segundo Ponty, compreende a fenomenologia como estudo das essências, da percepção e da consciência.

Em relação às análises da fenomenologia à geografia, destacam-se as de Relph: “o método fenomenológico é um procedimento para descrever o mundo

---

<sup>1</sup> BUTTIMER, citado por NOGUEIRA, Amélia R,N. Uma interpretação fenomenológica. In GALENO, Aldo(0rg).geografia, ciência dos complexos,2004 pag. 212.

cotidiano da experiência imediata do homem, incluindo suas ações, lembranças, fantasias e percepções, ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias”.<sup>2</sup>

De acordo com Holzer, esse método descreve as essências da estrutura perceptiva, não aceitando o mecanicismo da ciência e passando a valorizar a experiência e a intencionalidade humana, ou melhor, como esse ser se relaciona com o mundo, contrapondo-se à visão cartesiana do mundo.

Os debates que foram produzidos em torno de quem teria iniciado essa discussão fenomenológica se espalharam por diversos lugares, o próprio Sauer teria feito um ensaio sobre a abordagem de uma fenomenologia da paisagem, com a geografia cultural, mas coube a Dardel ser o grande precursor do caminho da fenomenologia para a geografia. Em 1952, Eric Dardel publicou *Le homme et la terre-naturelle de La réalite géographique* (O homem e a terra natural da realidade geográfica); porém é a partir de Relph que esses estudos são aprofundados.

A forma de conceber o lugar e valorizar as diversas percepções do homem apresenta-nos um olhar daquele que o vivencia e não apenas daquele que fala sobre o fenômeno apresentado na pesquisa. É relevante ressaltar como complemento à reflexão feita por Nogueira (2001, p.19), em detrimento a essa análise:

O homem, com suas experiências pessoais do lugar, com suas emoções em relação a ele, com suas experiências agradáveis e desagradáveis, dele foi pensado pela geografia, mas logo sufocado pelas críticas de que essas interpretações, que levam em conta o sujeito enquanto indivíduo seria uma análise subjetiva e individual do mundo, e a ciência não interessaria. Retornou-se então, à discussão mais racional onde o homem foi tratado enquanto população, povo, classe, recursos humanos.<sup>3</sup>

Dardel (2011, p.51) foi um dos grandes críticos, assim como os fenomenólogos clássicos que contrapunham a materialização da ciência, à naturalização dos fenômenos humanos, e, enquanto geógrafo, salientou sobre a geometrização do espaço: O espaço tem vida têm cor, têm essência.

“O espaço não é uma realidade subsistente: ele se subtrai onde o homem não pode segui-lo. Não é o homem que faz uma idéia do espaço, é o espaço

<sup>2</sup> RELPH, citado por HOLZER, Werth (er In geografia humanista- sua trajetória de 1950 à 1990. Dissertação de mestrado, universidade federal do rio de janeiro, 1992, pag. 188.

<sup>3</sup> Nogueira, Amélia R, B. In Percepção e representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2001. Pag.19

que vem ao seu encontro e o chama ; ele só existe nessa atualização, nesse movimento de se apresentar. A terra não é somente , ela é presença.”<sup>4</sup>

Por muito tempo, a obra de Dardel foi relegada pelos geógrafos, ocorreram várias tentativas de inserção do pensamento deste autor nas pesquisas geográficas, mas coube a Relph, Tuan e Guelke valorizarem os estudos de Dardel. A principal obra que fundamenta o método fenomenológico pela geografia foi defendida por Relph em sua tese denominada *The Phenomenon of place* (O fenômeno do espaço).

O questionamento sobre o que caberia ao geógrafo estudar, baseado na fenomenologia, que adota o método fenomenológico para elucidação do mundo vivido à força que une o ser e o conhecer: o conceito de "Lebenswelt" (vida diária).

De acordo com Buttimer (1976)<sup>5</sup>

Na transposição conceitual para a geografia, cabe ao geógrafo tomar consciência do "Lebenswelt", o que implica no contato direto com sua experiência do mundo, na apreciação da autonomia de outros mundos vividos, e no engajamento em um diálogo aberto e respeitoso com ele. O trabalho do geógrafo, então é o de explorar o lugar, como fenômeno geográfico, a partir do mundo vivido.

A fenomenologia é um aporte importante nas análises geográficas, mas a percepção também contribui para complementar e aprofundar esse estudo já que é o ponto de partida para alcançar uma essência. É importante frisar que a categoria lugar e espaço, torna-se elemento de interesse no livro de Relph, o qual estabelece seis tipos de espaço existencial ou vivido.

A influência do pensamento filosófico na geografia serviu para criticar a ciência cartesiana do mundo e trouxe um novo olhar ao pensamento geográfico; mais do que isso, propõe uma nova discussão de análises entre o homem e o lugar, e assim os compreende, não separando a sociedade do lugar e nem ignorando os homens de um determinado lugar.

A abordagem cultural e o significado geográfico de cultura, como aporte teórico, merecem ser ressaltados nessa pesquisa. Ambos estão muito bem representada por Paul Claval, como o próprio autor define: A abordagem cultural abre, nesse domínio, um novo campo de investigação:

A experiência do espaço é feita por meio dos sentimentos humanos, as geografias vividas dependem da visão, da audição, do olfato, do gosto e do

<sup>4</sup> DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. P.51

<sup>5</sup> BUTTIMER(1976) citado por HOLZER, Werther. In a geografia humanista , sua trajetória de 1950 a 1990. 1992 Dissertação de mestrado em geografia. Rio de Janeiro.

sentido do tocar, e variam em função da mobilidade e da força de quem as vivencia. (CLAVAL, 2001, p.62).

O objetivo da geografia atual é compreender o sentido que as pessoas dão à essas experiências. De acordo com Claval, os geógrafos começaram a avançar, a decifrar a diversidade real dessa experiência do mundo, e descobriram a fecundidade do tema das imaginações geográficas; para retornar às expressões de Derex Gregory, isso se deve à contribuição da geografia cultural como forma de valorizar as culturas diferenciadas nos lugares, como fez o próprio autor ao indagar: Por que os lugares diferem?

“Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não o percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios”. (CLAVAL, 2001, p.40) , cada pessoa percebe o lugar a partir de sua experiência, logo forma sua própria visão de mundo.

Essa análise culturalista na geografia aproxima o homem do seu lugar, espaço, meio e apresenta assim um universo rico em informações que podem contribuir em diferentes estudos, embora, assim como em qualquer campo da ciência, não responderá a todas as interrogações sejam elas culturalistas, humanistas ou fenomenológicas. Entendemos, todavia, que é um caminho para essas indagações. Nossa proposta na pesquisa está em reconhecer nessas "geografias" possibilidades de discussão que permitam resgatar a contribuição de grandes teóricos - geógrafos ou não - que por muitas décadas foram esquecidos, como o renomado Dardel, por outros autores.

### **1.1 O Lugar e a geofricidade**

O conceito de lugar na Geografia inicia-se com Sauer com o estudo da paisagem na geografia (1925), passando por Eric Dardel (1952) até autores como Tuan, Buttimer, Relph (1976). O conceito a priori citado acima, assim como outros aportes teóricos e metodológicos da ciência geografia tiveram suas abordagens transformada ao longo das décadas principalmente no campo da geografia cultural, posteriormente na geografia humanística . De acordo com Holzer (2003 ,p.113) “ Lugar, conceito espacial que durante muito tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio.” Sobre esse conceito positivista não se está desmerecendo a importância da ciência positivista na geografia

humanista mas sim ressaltando a contribuição da nova discussão desenvolvida principalmente da escola americana que resgatam obras de teóricos como Eric Dardel.

Sobre os Mapas Mentais, ainda, Nogueira (1994, p.38) afirma que “foram entendidos como representação do mundo real, do mundo vivido”. Esse mundo real a qual a autora define está relacionado a própria vivência do morador em relação ao lugar e da forma que ele percebe sua realidade e passa a entender o próprio sentido do seu próprio ser.

Partindo de uma linha teórica fenomenológica na geografia existe uma busca de trazer de volta autores como Dardel que por décadas fora esquecido pelos geógrafos em suas pesquisas ,o qual nesse trabalho nos propomos resgatar através do enfoque “ Mapas Mentais na Percepção dos Moradores do Baixio, Iranduba/AM.” Assim, dando continuidade a essa discussão, prosseguiremos a redescobrir a geografia humanista que está dispersa em diferentes partes do mundo e lugares, o qual escolhemos como lugar específico de estudo a comunidade Santa Luzia, conhecida por Baixio, que está localizada em área de várzea no Município de Iranduba.

Essa percepção relatada em depoimentos ou através da confecção dos mapas mentais por parte dos moradores da comunidade mostra que existem outros olhares em relação ao lugar que diversas vezes estão distantes da nossa própria percepção, contribuindo assim para a descoberta de outras geografias, a que Dardel chamava de “A Geographie de plein vent” (Geografia das Velas Desfraldadas), expressão de Lucien Febvre; nelas se opõem a geografia de gabinete ou de laboratório. De acordo com Dardel, quem representa bem esse momento foi Colombo (XV e XVI). Na concepção do teórico, a *geographie de plein vent* mostra que:

Habitou os homens a observar as realidades de seu mundo circundante, a contemplar as cores de um céu azul tropical e a ouvir os som da tempestade.Incitou o homem a sair, a deixar os salões e as ruas, para se arrojar além dos arrabaldes, para desenhar(...) ,para viver ao livre e,neste retorno à natureza , renovar sua sensibilidade, revigorar sua energia, para melhor compreender sua condição terrestre.<sup>6</sup>

A Geografia que Dardel define como Geografia das Velas Desfraldas nos reporta, a alguns momentos experienciados em nossa pesquisa durante o trabalho de campo como o trajeto realizado de deslocamento até a área de estudo, este se inicia com o ônibus saindo de Manaus até o porto de São Raimundo para pegar uma balsa

---

<sup>6</sup> DARDEL, Eric. O homem e a terra :natureza da realidade geográfica .tradução holzer, werther. São Paulo: perspectiva, 2011. p.83

ou lancha para, então, atravessar o rio Negro. Depois disto, desembarca-se no Cacau Pirêra, um distrito de Iranduba, pega-se o ônibus até a sede do município para dirigir-se até o porto do Iranduba para atravessar o rio Solimões, 15 km de distância, o que equivale a 20 minutos de voadeira se o tempo estiver favorável para a viagem (sem chuvas, temporais, banzeiros, temperatura elevada de 40 graus, poeira e se não for época da cheia, onde parte ou totalidade da comunidade está rodeada de água). No entanto, mesmo assim, esse lugar chamado Baixio é emocionante, apaixonante aos olhos e sentidos; realmente lindo.

De acordo com Dardel, o lugar seria um modo particular de relacionar as diversas experiências de espaço. Para o autor, os lugares são singularizados, o espaço vivido provém dos lugares existenciais de nossa experiência imediata. A obra de Dardel, reconhecida pela geografia norte-americana e servida de aporte fenomenológico, possui ideias que estão presentes nas obras dos mentores da geografia humanista.

Não podemos afirmar, mas é fato que a geografia e a fenomenologia apresentada por Dardel motivaram e atraíram os geógrafos norte-americanos para a leitura de seu livro que, segundo Holzer, estava dividido em dois capítulos: o primeiro dedicado ao espaço geográfico e o segundo a história da geografia. Na segunda parte, surge como pioneira a geografia fenomenológica, em que o próprio autor inicia uma discussão interessante sobre a história da geografia:

Se a geografia como realidade terrestre é o lugar de história, uma persistência que ultrapassa o acontecimento, a geografia como concepções do mundo circundante são testemunhos de épocas sucessivas (...) a história da terra (...) não se confunde com o desenvolvimento da ciência geográfica. O que nos importa, antes de tudo, é o despertar de um consciência geográfica, através das diferentes instruções sob as quais aparece ao homem a visão da Terra.(DARDEL p.47)<sup>7</sup>

A geografia sempre assumiu um caráter de ciência que busca mensurar, delimitar o espaço com precisão, opondo-se à geografia vivida que busca a concretude existencialista, também representada na obra de Eric Dardel, na qual a Terra revela o homem e seu destino; o resultado disso seria a geograficidade (geographicité). “A escolha desse termo não é gratuita. Ele significa a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana, como noção de “historicidade” implica na consciência que o ser humano tem de sua situação irremediavelmente temporal”. (Dardel p.120).

---

<sup>7</sup> DARDEL, Eric, 1899-1967. O homem e a terra : natureza da realidade geográfica. Trad. Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.p. 47

Dardel é influenciado pela filosofia de Heidegger, Jaspers, de Kierkegaard e possui uma compreensão histórica do mundo passando a outorgar a presença ao Existir. Logo aparecera uma cumplicidade entre a Terra e o homem, que se apresenta à existência humana representando essa geofricidade, onde o homem é exigido como ser ativo e no qual a distância é um elemento essencial na estruturação do mundo e não é experimentada especialmente com quantidade, mas sim com qualidade expressa no “perto” e no “longe”, no “lá” e no “aqui”.

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados de experiências do mundo.

Outra discussão que mereceu atenção por parte de Dardel é a categoria lugar, o que diz ser a base de nossa existência. Esse lugar não é simplesmente um dado referencial, ele está atrelado a outros fenômenos que estão relacionados tanto ao lugar, como ao homem que vivencia esse lugar. Dardel<sup>8</sup> esclarece que é “a partir dele que destacamos os objetos no mundo que nos circunda e que se refere às nossas atenções e [...] efetiva a fundação de nossa existência terrestre e de nossa condição humana”.

Os geógrafos humanistas anglo-saxões, na década de 60, fazem uma retomada da obra de Dardel em seus estudos, principalmente a relação do homem lugar. Na França, a obra de Dardel foi substituída pela geografia positivista, que também compartilha do movimento da geografia quantitativa, que adota no espaço geométrico seu objeto. A reelaboração da obra de Dardel deve-se à geografia humanista desenvolvida pelos anglo-saxões que priorizam a base filosófica à filosofia existencial.

Na França da década de 70, os geógrafos que compartilham essa base filosófica encontram em Armand Fremont o espaço no mundo vivido. Mas essa discussão o próprio Dardel, em 1952, já salientava.

Por sua vez, Nogueira destaca as proposições de David Lowenthal, o qual enfatiza os aspectos subjetivos da relação homem-meio preocupando-se com o mundo exterior e as imagens que estão em nossas cabeças. Werther Holzer valoriza essas proposições de Lowenthal, afirmando serem elas próximas à fenomenologia.

Outro geógrafo que traz diferentes colocações em relação ao lugar é Tuan, quando “trata o lugar como um dos conceitos que define a natureza da Geografia,

---

<sup>8</sup> DARDEL, citado por Holzer. A geografia Humanista-Sua trajetória de 1950-1990. 1992Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado. p. 092

sendo este apreendido a partir da experiência que se tem dele.” O mesmo autor ressalta, também:

O lugar possui espírito, personalidade, existe um sentido do lugar, este sentido do lugar é dado pela experiência do corpo, que através dos sentidos percebe cada lugar de forma diferente e com características específicas. Existe assim um cheiro do lugar, um barulho do lugar, uma estética do lugar. O lugar é dado a partir da experiência de cada um, o lugar se apresenta como vivenciado pelos seus habitantes, o lugar, portanto, é constituído a partir da experiência que temos dele. Nesta experiência, está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar.<sup>9</sup>

Experienciar o lugar que Dardel retrata em suas indagações está relacionado ao nosso próprio cotidiano, como cada um de nos reage a elementos como o cheiro, o gosto e o barulho de cada lugar. O lugar deixa de ser caracterizado somente como unidade de localização de uma comunidade, ou de uma cidade, e passa a ter um sentido mais existencialista; não que seja errôneo identificar o lugar, pois o mesmo faz parte da categoria geográfica, mas porque não se extrai a essência das pessoas em relação ao lugar.

O significado da terminologia experienciar e experiência, segundo Tuan, p.10, corresponde a:

Experienciar é vencer os perigos, “experiência” provém da mesma raiz latina “experimento”, “experto”, e “perigoso”. Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido é experimentar o ilusório é o incerto. Para se torna um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo. Por que alguém se arrisca? O indivíduo é compelido a isso. Está apaixonado, é a paixão é um símbolo de força mental. (TUAN, 1983 ,p.10).<sup>10</sup>

Para Tuan o experienciar faz parte de nosso cotidiano consistindo em driblar os perigos que nos rodeiam, o que então dizer de ribeirinhos que todo ano aprendem a conviver com as adversidades e possibilidades apresentadas pela cheia dos rios mas que estão sempre recriando sua própria geografia, passando os mesmos a fazer parte de um espaço que chamamos de vivido, ou (espaço vécu). Na França os precursores dessa ideia de espaço vivido são teóricos como: Frémont, Gallais, Chevalier, Bertrand, Metton, dentre outros. De acordo com análises de Holzer, o primeiro teórico a utilizar o termo espaço vivido foi Metton em suas pesquisas a qual identificou a

<sup>9</sup> Nogueira, Amélia R.B. Percepção e Representação: a geografia nos mapas dos comandantes de embarcações no Amazonas.Tese de Doutorado.USP,2002,São Paulo.p.43

<sup>10</sup> YI-FU TUAN (1930). Espaço e lugar.trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel,1983p.10.

partir das respostas aos questionários, uma análise das representações individuais e coletivas, traçando o mapa mental (representação das pessoas), propondo a partir delas uma tipologia.

A geografia cultural humanista a priori destaca a relevância de obras como *Space And Place: humanistic perspective* (Espaço é lugar na perspectiva humanista).(1974) ,à obra *Images and Mental Maps* (Imagens e mapas mentais), no qual ele advertia que o estudo da percepção na geografia, apesar de novo, necessita de uma pausa para reconhecer os fundamentos de seus questionamentos, sendo que também através do estudo da imagem e do “schemata” pode-se descobrir os fenômenos mentais que interessam ao geógrafo e à curiosidade do homem comum.

Esse teórico através de suas obras e abordagens contribuiu para desenvolver e intensificar pressupostos fenomenológicos à geografia suas ideias iniciais eram ligadas a um posicionamento mais baseado na teoria de Piaget , o qual apresentava uma geografia da percepção em seu estudos , posteriormente quando influenciado pelas ideia de Dardel é que de fato aprofunda-se na fenomenologia na geografia.

A forma com que a toponímia é apresentada por Tuan e Bachelard corresponde “ao sentimento despertado pelo espaço apropriado, de convivência e de felicidade, que se contrapõem ao espaço indiferente abandonado à medida do geômetra.”Toponímia corresponde a um neologismo no sentido amplo, inclui todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Essa toponímia se apresenta em diferentes momentos à qual as pessoas se relacionam com seu lugar e desenvolvem atividades como agricultura que diariamente forma um elo de ligação entre o homem e o seu lugar, os mesmos passam a cultivar um apego, um amor a esse lugar.

Os textos de Tuan possuem uma profundidade que busca o alcance da condição do homem para assim compreendê-lo. O conceito lugar merece destaque, como podemos observar abaixo:

O lugar de acordo com Tuan pode aflorar em escalas diversas. A casa e o bairro são lugares experienciados diretamente, assim como a cidade e a nação, estimadas por uma série de elementos simbólicos, emocionantes, de identidade, do pertencimento ou de propriedade vividas ou projetadas no curso de vida ou pela arte, os esportes ou educação. (Tuan,p.10).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> TUAN,YI-FU.Toponímia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira.São Paulo: DIFEL p.10 1980.

Essa questão de pertencimento é muito forte em nossas vidas, passamos a compreendê-la melhor quando nos afastamos do lugar que nos é familiar e passamos a não nos reconhecer nas ruas, nos bairros, no cheiro das árvores, no sabor da comida e na linguagem que soa de forma diferente.

O renomado autor citado diz, *a priori*, que existe uma rede de sentimentos que envolvem o lar, o lugar, os homens, os seus nichos de proteção e a convivência ou concepção simbólica. Nesse contexto, o espaço e o lugar compartilham experiências e valores humanos, manifestando níveis distintos de especificidades. Citamos a seguir *algumas das reflexões mais inspiradas de Tuan*: "Na ciranda dos postulados fenomenológicos, os pertences, os amigos e a base territorial fazem parte do acervo íntimo do indivíduo"; "Os lugares concebidos são aqueles construídos com o emprego da mente humana e as narrações transmitidas por outrem."<sup>12</sup>

A forma como Tuan discorreu sobre a noção de fenomenologia, sempre articulado ao pensamento geográfico, nos parece ter sido o grande ganho à renovação nas discussões teóricas, já que se impõe como uma alternativa de análise inovadora, que de forma brilhante conseguiu captar as essências do homem, da mulher, da criança e, ao mesmo tempo, relaciona-se ao lugar onde se experienciam os diversos fenômenos. O autor não abandonou as categorias geográficas, mas sim revolucionou e revoluciona o aporte na ciência Geográfica.

A habilidade espacial é essencial para a subsistência, segundo o próprio teórico; o questionamento feito por ele está ligado ao fato de se saber qual a relação entre o conhecimento e a habilidade espacial, como um afeta o outro. Para Tuan (1983,p.84) ” Esta habilidade é representada de formas variadas, como nadar, correr uma maratona.’ (Ibdem, p.84).

Tuan em diferentes momentos fez pesquisas que ressaltam as habilidades espaciais, astronômicas, geométricas dos povos em diferentes partes do mundo: Sibéria, Ártico Canadense, ilhas do Pacífico. Como exemplo, citamos os Yakute, que possuem grande habilidade astronômica, são capazes de distinguir as estrelas e constelações sem telescópio; os Buriate usam a estrela Polar à noite e o Sol de dia em suas caçadas, esses se localizam no norte da Sibéria. Outro exemplo são os mapas dos

---

<sup>12</sup> TUAN, Yi-fu citado por mello. Descortinando e (re) pensando categorias espaciais in ROSENDALH, zêny e CORRÊA, R, L. matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. P.92

chukchi do delta do Aradir no nordeste da Sibéria, a forma como são desenhados é curiosa:

“Os mapas dos chukchi são desenhados com excepcional habilidade com sangue de rena sobre tábuas de madeira. São facilmente reconhecíveis o curso sinuoso do rio, a vegetação da praia, os baixios e os lugares de caça. O intrincado delta com suas inúmeras ilhas é reproduzido fielmente. Duas linhas paralelas mostram as praias [do rio]. (...) Muitas manchas vermelhas sobre as praias sem dúvida indicam colinas. O desenho do mapa é alegrado com cenas de caça e pesca. Em um canto está um grupo de três choças, redes de pescas se espalham no meio do rio e aparece um rebanho de renas nadando.”<sup>13</sup>

Os mapas dos Chukchi de forma geral não devem nada aos que foram feitos pelo Ministério da Marinha da Rússia, por volta de 1900. Os caçadores siberianos aprendem a conceituar o espaço com precisão e utilizam a linguagem através do conhecimento para o simbolismo nos mapas. Nem todos os povos possuem essas habilidades espaciais ou pelo menos não a exercitam como os analfabetos camponeses russos, pouco entendem das relações espaciais fora de seu pequeno mundo.

O questionamento que é feito por Tuan diz respeito a descobrir quais elementos da cultura, da sociedade e do ambiente físico afetam as habilidades espaciais e o conhecimento das pessoas. Que condições encorajam as pessoas a experienciar seu meio ambiente, lugar, e ter consciência dele a tal ponto de procurarem captar sua essência em palavras e mapas? Não podemos afirmar que a diversidade entre os povos irá determinar a melhor forma de utilizar suas habilidades, porque acreditamos que cada cultura tem sua relevância, logo suas próprias habilidades.

John Berty tentou encontrar algumas respostas estudando os Timne da Serra Loa e os esquimós do Ártico canadense, e, segundo seus estudos, os Timne não possuem muita habilidade em relação ao vocabulário geométrico-espacial, já os esquimós possuem um vasto vocabulário. Uma das indicações segundo ele é que de alguma forma o ambiente físico estimula os povos a desenvolver suas habilidades, o ambiente dos esquimós é “desolador”.

Em relação à terminologia *povos esquimó* utilizada por Berty é mais coerente e adequado o termo *povos inuit*, porque *esquimó* é tido como termo preconceituoso que

<sup>13</sup> Tuan, Yi-fu (1930). Espaço e Lugar. Trad. Oliveira, L, de (1983), p.87.

significa comedor de carne crua; em relação ao termo *desolador*, o mesmo soa como um lugar de difícil sobrevivência, inóspito. Não podemos classificar os lugares a partir das nossas percepções e impressões sem que antes tenhamos ouvido e convivido com os moradores desse lugar e assim aprendermos lições sobre lugares que nos parecem desoladores, mas não o são para aqueles que vivenciam o mesmo. Como podemos observar nessa citação abaixo:

Quando todos os referenciais desaparecem no nevoeiro e na tempestade de neve, os esquimós podem, apesar disso, encontrar seus caminhos observando as relações entre a configuração da terra, tipos de neve e de fratura de gelo, a qualidade do ar (fresco ou salgado) e a direção do vento. Em uma neblina fechada, o navegante do Ártico estabelece sua posição no mar pelo som das ondas quebrando na terra e pela observação do vento (Berty, Tuan 1983 p.89)

Em relação a essa citação, podemos observar que as pessoas sempre buscam entender o seu lugar e assim superar as adversidades, que às vezes são da própria natureza ou do próprio homem quando esse busca se organizar socialmente, buscar abrigo e alimento para sua sobrevivência. Essa sobrevivência às vezes pode ser complexa mas, nunca desoladora, como podemos constatar em nossa pesquisa no Baixo em que o homem ribeirinho tem que se adaptar constantemente à sazonalidade dos rios da Amazônia, que possuem ciclos de cheia, enchente, vazante e seca; ora há fartura nos rios e lagos ora há um período onde a oferta diminui.

Durante a transição que ocorre nos rios no período da cheia para enchente, parte dos terrenos dos ribeirinhos fica alagada e muitas vezes é preciso esperar a água baixar para que se possa plantar em seus terrenos, pois essa área se caracteriza como sendo de várzea. Por outro prisma, porém, essa alagação proporciona os atalhos que ligam os furos aos rios e torna os mesmos propícios à navegação e o ritmo de trabalho torna-se mais lento, o que descaracteriza a inferioridade, mais precisamente a preguiça, que muitos atribuem a eles. A alagação dos terrenos pode ser observada na fig.02



**Fig. 02** – Comunidade do Baixio período da cheia de 2009  
**Fonte** : material fotográfico cedido pela moradora.

Outra pesquisa que merece atenção devido à contribuição de seus estudos em relação à percepção e os mapas mentais é a que foi realizada por Nogueira no Município do Careiro no Amazonas, na qual se desenvolveram estudos sobre mapas mentais dos comandantes de embarcações. Algumas das descobertas realizadas por Nogueira, 2001, p.105, na pesquisa sobre os comandantes estão citadas abaixo:

“Os comandantes, enquanto habitantes do Careiro da Várzea, demonstram uma intimidade com seu mundo de vida, o rio, tornando desnecessário, a utilização de instrumentos técnicos de orientação. Quando precisam mudar de rota, ao serem fretados por comerciantes, empresas de pesca, etc., procuram consultar um prático que corresponde à denominação utilizada para identificar os homens dos lugares que navegam na companhia dos comandantes quando estes não conhecem bem as novas rotas. Nos lugares onde os comandantes já conhecem, eles fazem papel de prático para os que chegam.”<sup>14</sup>

Essa pesquisa é de grande relevância porque valoriza o conhecimento do homem ribeirinho, aproxima as experiências desses homens em relação ao lugar onde o concebem e traz de volta a discussão fenomenológica, na geografia humanística, como disse Merleau-Ponty: “Todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido. Se queremos pensar à própria ciência com rigor. Apreciar exatamente o

<sup>14</sup> NOGUEIRA, A,R,B. A percepção e representação gráfica: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. São Paulo:USP.Tese de doutorado,2001. P.105

alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo do qual é a sua expressão segunda”.<sup>15</sup>

E foi a partir de redescobertas e estudos realizados por Nogueira, em sua dissertação de mestrado e posteriormente tese de doutorado, que houve um avanço na discussão da fenomenologia e da percepção sendo utilizados como aporte teórico para a geografia e assim enriquecendo as análises teóricas e metodológicas realizadas em muitas pesquisas no Estado do Amazonas e em alguns dos seus municípios principalmente nas universidades, comunidades.

Na geografia, segundo a autora, o aluno lê e registra (escrita/representação) o que observa das paisagens do espaço vivido e, a partir dessas atividades, começa a perceber as relações sociais nele existentes. E assim passa a compreender a função social que a representação cartográfica possui. As noções básicas para um letramento cartográfico são noções básicas como: área, escala, linha, ponto, legenda, proporção, visão vertical, oblíqua, imagem bidimensional e imagem tridimensional.

Em relação aos mapas mentais, Castellar diz:

Os mapas mentais ou desenhos são representações em que não há preocupação com a perspectiva ou qualquer convenção cartográfica. Os mapas mentais são representações que revelam os valores que os indivíduos têm dos lugares, dando-lhes significados ou sentimento ao espaço vivido. Os mapas não são apenas representações, mas também meios de transmitir informações. (CASTELLAR, 2010, p.25,31).

É relevante haver uma revalorização dos clássicos fundamentados no pensamento geográfico e assim buscar a essência. Segundo Martins, “pensamento geográfico é geografia em pensamento, ou pensar geografia é ter para si a existência e a importância da geografia presente na realidade.”

Algumas das reflexões que se fazem são sobre a releitura dos clássicos, o que fazer com tais autores e a retomada para outra reflexão: “Onde está *o geográfico* nas pesquisas geográficas? Muitos estudos geográficos estão deixando de enfatizar não só o objeto geográfico como também, as vezes, não dão importância ao sujeito. Portanto Martins questiona que a forma e o conteúdo em pensamentos são equivalentes mutuamente, mas, acima de tudo, a forma sempre responde pelo conteúdo em suas altera

De acordo com o exposto acima fazemo-nos outra indagação: será que atualmente a análise feita na ciência geográfica tem somente a forma, sem o conteúdo

---

<sup>15</sup> MERLEAU-PONTY, citado por NOGUEIRA ,a,r,b in tese de doutorado,2001.p.104

ou tem conteúdo, mas perdeu a forma? As diferentes formas da utilização das concepções geográficas tentaram absorver essas necessidades nos estudos geográficos.

*Com relação a isso quando se utiliza a geografia sistemática quantitativa, há uma preocupação enorme em localizar o fenômeno através do cartesianismo utilizando-se as coordenadas geográficas. A questão não está somente em localizar o elemento geográfico e sim saber o que fazer com esse elemento geográfico no mapa.*

Toda essa abordagem e estudo tiveram sua relevância, mas se constata através de pesquisas que *ficaram* na superficialidade, apresentando-se em diversas pesquisas apenas dados matemáticos, econômicos e deixando de lado entender outros tipos de análise que envolve questões sociais, políticas e culturais. Apesar de se concentra em estatísticas e métricas apenas, não se deve descartar toda a contribuição da geografia sistemática, mas sim explorar outras análises e possibilidades em nossas pesquisas e estudos para que haja uma busca pelo geográfico utilizando-se de outros aportes teóricos e métodos, mas sem perder o conteúdo e a essência.

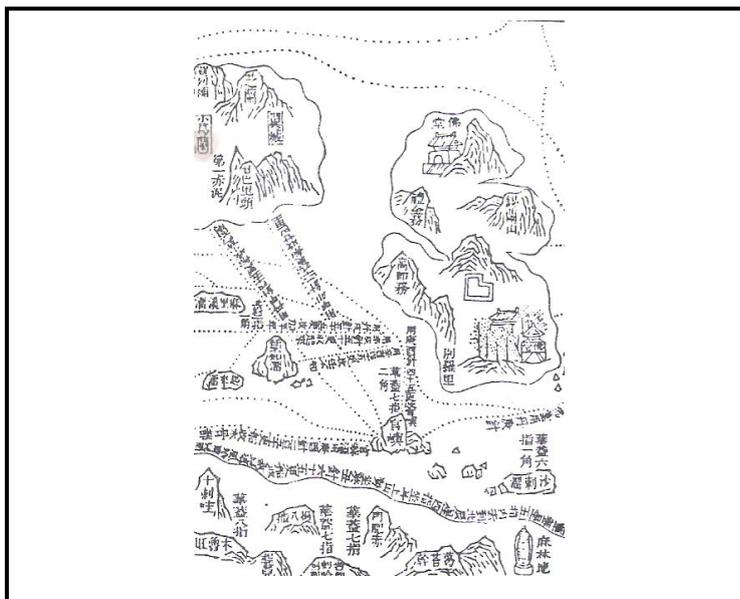
Precisamos resgatar as categorias de cunho geográfico como: lugar, paisagem, território, espaço, habitat. Precisamos, enquanto geógrafos, de fato entender essas categorias e inseri-las em nossos estudos e assim tanto na teoria como na prática estaremos fazendo pesquisa de ordem geográfica.

Muitos estudos relacionados à geografia perdem a sua essência de geograficidade, pois restringem questões como a forma de contribuição centralizada, muitas vezes mais sociológicas, antropológicas ou biológicas (não que essas outras ciências não sejam importantes, mas podemos perder o foco do que é realmente geográfico). Devemos utilizar as informações de outras ciências, mas não esquecer que nossas análises possuem uma visão geográfica principal.

Devido à fragmentação, ao longo da evolução, do conhecimento da ciência geográfica, acabamos por ficar apenas com a forma e perdemos o conteúdo do conhecimento geográfico de acordo com Martins. A nossa indagação como geógrafos é saber onde estão inseridas em nossas pesquisas geográficas, como espaço, paisagem, região, território, lugar, habitat e área. Surge, ainda, uma nova indagação: será que de fato entendemos tais categorias como geógrafos, ou precisamos resgatar os teóricos clássicos e assim correlacionar com os novos em nossas pesquisas teóricas e práticas?

O mapa é um exemplo clássico que vem sendo utilizado como forma de capacitação de informação através da cartografia, que sofre uma evolução ao longo

dos anos e precisa de novas leituras cartográficas, como mostra o mapa abaixo. Esse mapa náutico chinês feito no século XV, que mostra o itinerário desde o Porto de Nanquim, na China, passando pelo estreito de Ortnwz e os pontos da costa oriental da África, também descreve informações e símbolos representando acidentes geográficos, rotas marítimas, mostradas com linhas pontilhadas e diversas instruções de navegação.



**Fig. 03** Mapa Chinês do Séc. XV.

**Fonte:** Fundamentos de Cartografia. Ed. da UFSC. Pag.29.

Na China antiga, muitos mapas tinham finalidades cadastrais, como documentos burocráticos, planos para conservação das águas, meios de fixação de impostos, estratégias militares, reconstrução de geografia e testemunhos de continuidade cultural, quando eram gravados em pedra e fixados em lugares públicos. Além disso, há, comprovada, uma função ritualística de adivinhação, previsão astrológica de fenômenos celestes e até mesmo proteção contra forças sobrenaturais; ou seja, a utilização dos mapas para diferentes funções é uma prática milenar.

Ainda com relação à China antiga, havia uma ideia da estrutura do mundo que era concebida por zonas concêntricas, sendo que os domínios da realeza ocupavam a primeira zona do centro, a última pertencia aos bárbaros aliados enquanto a periferia era reservada aos selvagens.

A localização faz parte dos nossos interesses, é um dos elementos para identificar um dado geográfico e que, segundo Dolfus, consiste em indicar as

coordenadas geodésicas (latitude, longitude, altitude), mas consiste, sobretudo, em definir o sítio e a posição do qual faz parte dada pesquisa geográfica. Quando Vidal de La Blache, o fundador da escola francesa, definia a geografia como sendo “a ciência dos locais”, não era sua intenção restringir a contribuição da geografia apenas a esse conhecimento, mas pretendia salientar para a análise geográfica.

Essas relações entre o sítio e a posição apresentam-se da seguinte forma: o sítio representa o receptáculo territorial de um elemento do espaço. A posição depende do sistema de relações que o elemento mantém com outros elementos. Logo, as funções da unidade geográfica de um ou de vários elementos estão relacionadas.

Assim, a posição de uma comunidade rural se define com os parentes e com outras comunidades próximas para venda e compra de produtos. Em muitas dessas comunidades se estabelecem redes que, segundo Milton Santos, dão-se através do computador (internet), de transportes terrestre e fluvial, das relações comerciais e da utilização de estradas e rios.

O geógrafo, segundo Oliver Dolfus, busca entender o sentido de localização, a estrutura das formas e a organização social das comunidades, a exemplo das comunidades ribeirinhas em análise.

A paisagem desse espaço, ou lugar, que se apresentam ao longo das margens dos rios da Amazônia, possui uma forma de organização social e espacial. A exemplo disso: a lógica de construir palafitas ou flutuantes em comunidades caboclas, ribeirinhas, próximas aos rios provém do fato de os caboclos conhecem a dinâmica dos rios com o regime de cheia, enchente, vazante e seca. As palafitas (casas) caracterizam o tipo de moradia que possui nos seus alicerces um prolongamento de madeiras para acompanhar a subida e descida dos rios; já o flutuante é uma espécie de casa-barco que flutua sobre o rio, conforme o ciclo das águas como mostra abaixo as figuras 04 e 05.



**Fig. 04** – Casas palafitas da Amazônia

**Fonte:** Projetos de Desenvolvimento Sustentável e Programa de Educação Ambiental.



**Fig.05** – Casas flutuantes da Amazônia

**Fonte:** Projetos de Desenvolvimento Sustentável e Programa de Educação Ambiental.

Assim, comprovamos que a geograficidade está além dos conhecimentos acadêmicos, todas as pessoas a possuem, mas, às vezes, não se dão conta disso. No caso dos caboclos – ribeirinhos especificamente no Baixio, Iranduba/AM – percebemos que os moradores possuem uma facilidade de conceber os diferentes elementos que caracterizam o ser geográfico bastante apurado.

Segundo Dardel (1952), “a geometria opera sobre um espaço vazio, homogêneo, uniforme, neutro, e o conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer signos que a terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino.”<sup>16</sup> Precisamos decifrar esses inúmeros signos da terra, buscando, através da relação do desta com o homem, a sua geograficidade que está presente no cotidiano do homem que vive nas comunidades ribeirinhas, em diferentes parte da Amazônia e na comunidade do Baixo. Os moradores têm muito a contribuir com essas descobertas ao revelar os signos ocultos da sua própria geografia do lugar.

A geografia de Dardel (1990) “prima por essa compreensão: pensar a terra, o lugar, a partir da percepção de quem a vive das coisas que parecem óbvias”<sup>17</sup>. Este autor identificou cinco formas de espaço geográfico: espaço natural ou sobrenatural, espaço telúrico, espaço aquático, espaço do ar e espaço construído, concluindo que o espaço geográfico é uma fusão desses espaços com os espaços da imaginação e de projeção.

Dardel, como os fenomenólogos clássicos, criticou, ainda, a matematização da ciência, a naturalização dos fenômenos que buscamos, e, enquanto geógrafo, a geometrização do espaço. Para ele, ocorre uma relação entre um espaço ou lugar e o homem.



Figura 5 Croqui da Ilha do Baixo

<sup>16</sup> DARDEL (1952), Trad. HOLZER, Werther. São Paulo: Perspectiva, 2011.

<sup>17</sup> DARDEL (1952) Citado por NOGUEIRA, A, R, B. Uma interpretação fenomenológica. In GALLEN, A. (org). geografia dos complexos. Porto Alegre: SULINA, 2004. P.215

A priori podemos visualizar um croqui da ilha do Baixio, enfatizando os moradores na comunidade, banco de areia, lago e o rio Solimões. Partindo agora para a categoria de lugar, temos algumas definições extraídas de texto de Nogueira (2004): Merleau-Ponty não fala de lugar, mas de mundo vivido, porém deixa claro que este mundo vivido é o lugar onde habitam os homens. (Pag.224). Enquanto Dardel (1952) afirma que mundo vivido é, portanto, entendido lugar vivido, lugar de vida, lugar de existência. Compreendemos esta particularidade do mundo (lugar), assim como o fez Dardel, como ponto de partida da experiência geográfica (pag.225). Por sua vez, Yi – Fu – Tuan descreve que o lugar é compreendido como espaço vivido e clarificado pela relação de pertencimento do conceito.

Retomamos a análise do lugar compreendido como experienciado de acordo com Costa (1994), que estudou o município de Cuniã, situado às margens do Rio Madeira (Rondônia). Segundo esse autor: “A crença nos mitos, nas coisas da floresta, é uma forma que os ribeirinhos encontram de preservar o lugar”. A preocupação dele é, fazer com que levemos em conta, nas nossas interpretações do lugar, também, as relações míticas e simbólicas deles”. (NOGUEIRA, 2001p.50).

Não queremos aqui pensar o espaço como algo diferente do lugar, segundo Nogueira. Temos interpretado em nossas leituras que o espaço e o lugar não são coisas distintas, mas também não são sinônimos. Vemos que estas são categorias que estão sendo utilizadas pela filosofia, economia e geografia para situar o homem na terra, vinculando-o a ela, pois a existência é espacial. Segundo (Merleau-Ponty – 339) o espaço é o maior lugar possível, o lugar é o menor espaço possível. (ps.232 – 233).

Em relação à contribuição do mapa mental de Castro, Fraxe, Lima e Witkoski (2006, p.238) afirmam que:

Os mapas mentais uma vez que são produtos das experiências vividas no espaço, transportadas para o papel a partir de um conhecimento acumulado. O lugar e o espaço são duas dimensões distintas e complementares igualmente importantes do projeto humano.

Podemos também considerar que para cada espaço existe uma maneira de concebê-lo; há uma imagética do espaço, ou seja, a imagem é formulada a partir das experiências de vida de cada homem ou mulher num cotidiano que reproduz o espaço todos os dias.

Portanto, o mapa mental engendra, de modo concreto, as possibilidades de utilização dos recursos aquáticos (por exemplo, a pesca) e conseqüentemente a

viabilidade do modo de vida, daí a necessidade de entender as representações socioespaciais do ponto de vista das populações caboclas ribeirinhas como exemplo.

## **1.2 A nova história da cartografia e o seu significado na geografia.**

De acordo com Harley (1991, p.4) “Os mapas sempre, ou pelo menos, o desejo de balizar o espaço sempre esteve presente na mente humana. A apreensão do meio ambiente e a elaboração de estruturas abstratas para representá-lo foram uma constante da vida em sociedade.”

A cartografia sempre foi influenciada pela visão europeia, somente após avançar em novos estudos, hoje é reconhecida como linguagem visual de todas as civilizações. De acordo com essas pesquisas, os mapas e os registros feitos na pré-história cartográfica (feitos em rochas) já são reconhecidos e valorizados; os mesmos antecedem o século XIX, quando a cartografia foi sistematizada como disciplina.

Segundo Harley (1991, p.27) “A visão eurocêntrica na evolução da cartografia, por longas décadas perdurou, tal visão que contém um olhar preconceituoso em relação a outros mapas de culturas que não fossem europeias, deixando assim de serem estudados”, a exemplo temos os mapas árabes como da escola Balkhi, que eram analisados segundo o critério ptolemaico, ao invés de serem apreciados com uma fusão de tradições cartográficas.

Os cartógrafos dessa época só valorizavam os mapas das culturas não européias e quando os mesmas apresentavam semelhança com os mapas europeus, ou seja, só consideravam as similitudes cartográficas e não as diferenças. Segundo tal raciocínio, um eminente cientista chegou a afirmar que “a notável produção da cartografia chinesa com exemplares do século IX a.C. era mesma desenvolvida antes na Europa.” Harley (1991, p.6).

Essa forma eurocêntrica de analisar e representar o espaço, utilizando-se a cartografia como instrumento de poder e o reflexo do pensamento baseado na idéia de achar que sua cultura européia era superior às outras refletia não só na cartografia como na literatura, nas artes e na filosofia. O tipo de análise utilizada na época era comparativa, relacionadas aos aspectos matemáticos, utilização de planos quadriculados, escalas regulares, signos abstratos convencionais e curva de nível, desenvolvida pelo renomado cientista Pei Xiu, considerado pai da cartografia científica.

Dentre as inúmeras descobertas realizadas por cientistas chineses e ocidentais destacam-se: mapas da dinastia Han, encontrados em uma tumba, e mapas encontrados na Índia antes da ocupação britânica, que continham signos desconhecidos e estilo pictórico. O primeiro mapa foi considerado pelos cientistas como precoce no desenvolvimento da cartografia, o segundo somente recentemente foi considerado parte da história cartográfica.

Os mapas das dinastias Han e os mapas da Índia anteriormente não eram considerados mapas, mas simples curiosidades cartográficas, objetos de coleções etnográficas. Nesse grupo estão às pinturas dos povos aborígenes da Austrália, mapas dos índios americanos, estacas de demarcação dos habitantes da ilha Marshall e os planos de batalha no solo pelos guerreiros maoris da Nova Zelândia. Na perspectiva racionalista caracterizam a visão de representarem os mapas tidos como primitivos das culturas não ocidentais.

Tais mapas eram desqualificados como registro e documento porque careciam de orientação, escalas regulares e elementos de geometria euclidiana presentes no mapa moderno. Ou talvez por terem sido traçados em suportes estranhos, os mesmos permaneceram à margem do progresso cartográfico ocidental, e nada se fazia para decifrar seus códigos de representação.

Dessa forma, “a história da cartografia deixou-se aprisionar pelas categorias e definições dos eruditos. Faltava reconhecer a grande diversidade de formas e representação do espaço no mosaico da cultura”. Harley, p.7. Assim, o mesmo autor contesta essa perspectiva eurocêntrica escrevendo um livro no ano de 1987, chamado *Uma nova história da cartografia*, onde adotou uma definição de mapa mais abrangente que consistia em introduzir certo relativismo no estudo histórico das cartas geográficas.

Para Harley (p.7), cada sociedade tem ou teve sua própria forma de perceber e de produzir imagens espaciais e assim definindo mapa como: “representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano”. Então, a história da cartografia toma novos rumos, no qual cada cultura exprime sua particularidade.

Isso traz duas vantagens: a primeira traz um entendimento progressivo segundo o qual a cartografia é mais antiga, embora existam lacunas documentais que possuem uma linguagem mais universal do que se pensava; a segunda vantagem é permitir que entendamos o objeto da criação dos mapas. Ao aceitar como contribuição

esse caudal de mapas cosmológicos, por exemplo, ocorrerá uma ampliação da história cartográfica, possibilitando assim na história da cartografia tradicional um enriquecimento das experiências cartográficas da Ásia, como do Sudeste da Ásia, pelo Tibete, pela África anterior ao século XIX, pela América pré-colombiana e pelas ilhas do Pacífico antes de Cook. Vamos descobrindo outras tradições cartográficas sem quaisquer semelhanças com modernos mapas europeus, mas igualmente válidos segundo Harley (1991 p.7).

Sobre as imagens mentais, Harley faz um comentário:

Tanto nas sociedades ocidentais como nas orientais, a cartografia invariavelmente une o objetivo ao subjetivo, a prática aos valores, o mito ao fato comprovado, a precisão à aproximação. As histórias eurocêntricas tradicionais têm desprezado os usos míticos, psicológicos e simbólicos, valorizando seu uso prático; isso se deve mais à nossa obsessão pelos modelos científicos do que à história real da prática cartográfica.<sup>18</sup>

É de suma importância fazer essa relação de análises entre o objetivo e o subjetivo, porque tais pesquisas como a percepção e confecção dos mapas mentais proporcionaram uma riqueza de interpretação geográfica onde todas as possibilidades de análises complementam tal estudo.

Segundo Harley (1991, p.9), complementando sua visão de mapa:

Os mapas sempre foram imagens mentais. Hoje continuamos a considerá-los uma forma de ver, mas começamos a entender o significado de ver, em vez de pensarmos que os mapas que os mapas são um espelho do mundo, passamos a vê-los como simulacro: algumas vezes, mais importante que o território representado; frequentemente, uma descrição do mundo em toda a sua diversidade cultural.

No Brasil ocorrem alguns avanços relacionados à cartografia; a nova forma de estudos sobre cartografia passa a ser entendida não apenas como técnica para representar o mundo, mas como meio de orientação. Em meados da década de 70, com as professoras Livia de Oliveira e Tomoko Pagnelli (1985, Maria Helena Simielli (1986,1996), a cartografia ganha nova interpretação e passa a ser entendida não apenas como técnica para representar o mundo, mas como meio de linguagem e comunicação. Castellar, (2010 p.29)<sup>19</sup>

<sup>18</sup> HARLEY, J. Brian. A nova história da cartografia. O correio da UNESCO (mapas e cartógrafos). Brasil, ano 19 n, 08, agosto, 1991, p.9

<sup>19</sup> CASTELLAR, Sônia. Ensino de geografia. São Paulo: Cengage learning, 2010. ( coleção idéias em ação). Ana Maria Pessoa de Carvalho. P.29,

Em artigo escrito por Simielli, (2004,p.1588) sobre a cartografia no ensino da geografia, diz-se que “os mapas nos permitem ter domínio espacial e fazer a síntese dos fenômenos que ocorrem num determinado espaço.” Acrescenta que a cartografia, além de constituir um recurso visual muito utilizado, oferece aos professores a possibilidade de trabalhar em três níveis: o primeiro nível é a localização e análise, o segundo nível é a correlação e o terceiro nível é a síntese.

## Capítulo 2 Etnodiversidade e o Imaginário dos Moradores do Baixo.

A região Amazônica sempre fez parte do imaginário das pessoas, através dos rios caudalosos, imensidão da floresta e animais ferozes; sempre esse simbolismo de natureza selvagem consolidou essa imagem que muitas pessoas possuem em relação à região Amazônica.

Mas o homem não é mero figurante nessa relação com a terra, é importante que se ressalte que, além da diversidade biológica, existe na Amazônia uma etnodiversidade representada por diferentes povos, que possuem uma identidade própria através dos seus saberes e conhecimento.

Dentre as tipologias típicas dadas ao morador do lugar de uma comunidade da Amazônia temos o termo caboclo-ribeirinho, cujo significado, de acordo com Parker (1985), corresponde ao “caboclo representa uma mistura de grupos sanguíneos resultantes da união de ameríndios com o colonizador português e com nordestinos descendentes de africanos que migraram para Amazônia (...) no final do sec. XIX.”<sup>20</sup>

Por muitas vezes esse termo, caboclo, foi utilizado como conotação pejorativa, atribuindo-lhe assim o significado de uma categoria baixa e preguiçosa, portanto desprovida de qualquer cultura. Isso não foi diferente do que ocorreu com a terminologia “índio”, termo reconhecido por muitos autores como inapropriado devido à diversidade das diferentes etnias existentes não só na Amazônia mais em grande parte do Brasil que ainda têm algum remanescente da cultura indígena. Mas essa é outra discussão que não é a principal análise em nossos estudos, porém trará sua contribuição através dos saberes e conhecimentos dos ribeirinhos que podem ser caçadores, coletores, agricultores, pescadores que vivem as margens dos rios da Amazônia, principalmente os que vivem na comunidade Santa Luzia, localizada na ilha do Baixo.<sup>21</sup>

A comunidade Santa Luzia do Baixo está situada na ilha do Baixo, localizada à Margem esquerda do rio Solimões, a 15 km da sede do Município de Iranduba

---

<sup>20</sup> PARKER 1985, citado por Fraxe, Migués, Witkoski, comunidades ribeirinhas: representações socioculturais na área de atuação do projeto Piatam. In produzir e viver na Amazônia rural: estudo sócio demográfico de comunidades do Médio Solimões. (orgs) Teixeira, Brasil, Rivas. 2.ed. ver. Manaus: instituto. Piatam.

<sup>21</sup> Baixo, o termo baixo na Amazônia é também usado para designar certas enseadas que os rios formam nas suas margens, onde a água, permanece por ocasião das vazantes. Trata-se por conseguinte de pequenos lagos temporários, por ocasião das vazantes, e reentrâncias marginais por ocasião das cheias. In dicionário geomorfológico, Guerra, A.T.

(Médio Amazonas) no Estado do Amazonas. Limita-se com outras comunidades: Nova Aliança, São Sebastião, 7 de Setembro e São Francisco.

Tal comunidade possui proximidade com a sede do Município, facilitando o acesso e deslocamento dos seus moradores. Durante a seca eles costumam utilizar transportes como ônibus e carro através da estrada até o ramal da várzea. No período da cheia o transporte só pode ser feito por via fluvial como barco, voadeira<sup>22</sup>, rabeta<sup>23</sup> e canoa,<sup>24</sup> tendo em vista que o trecho do ramal da várzea fica tomado pelas águas do rio Solimões, interligando assim os furos, igarapés à ilha.



**Fig. 07-** Moradores da comunidade do Baixio utilizando transporte conhecido como voadeira.

**Fonte:** Foto da Autora em setembro de 2011.

As famílias da comunidade Santa Luzia possuem uma formação nuclear que corresponde a uma agregação de várias famílias; estas se formam e permanecem morando com os pais em uma mesma residência, isso é uma prática comum nas comunidades da Amazônia, geralmente são os filhos homens que levam suas esposas para morar com os pais. Existem também aquelas famílias que se formam e

<sup>22</sup> Voadeira – S.f Lancha de alumínio com motor de polpa, mais potente que a rabeta. In Freire, Sérgio. *Amazônês - Expressões e termos usados no Amazonas- Manaus: Editora valer, 2011, p.98.*

<sup>23</sup> Rabeta - S.f motor de popa, de pouca potência e fácil manuseio utilizado pelos ribeirinhos, op. Cit p.87.

<sup>24</sup> Canoa- S.f embarcação para transporte nos rios, op. Cit p.46.

concentram estes núcleos em uma mesma área com casas próximas uma das outras; a casa dos pais geralmente está no meio. Muitas dessas novas famílias são formadas por parentesco, onde primos se casam e assim perpetuam seu vínculo familiar. Na comunidade de Santa Luzia os sobrenomes mais influentes são Santos e Silva.

Essa comunidade estabelece uma ligação, um vínculo, muito intenso com o lugar e com as pessoas, o que Tuan chama de laços topofilícos: “a palavra topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN,1983, p.107).

A comunidade do Baixio, assim denominada pelos próprios moradores, possui um bom nível de organização que a diferencia essa comunidade de outras. O relato dos próprios moradores atribui o sucesso dessa organização à união que existe entre eles, uma vontade de juntos desenvolverem a comunidade de forma comum, como pode-se constata no depoimento da professora R. 44 anos:

A organização social lá em outras comunidades não é muito organizada como foi comprovada pela UFAM sendo que a mais organizada socialmente é a comunidades do Baixio, o diferencial está em que as pessoas querem desenvolver juntas, existe vontade de crescer, também possui uma associação que é atuante na comunidade.

Outro depoimento relevante sobre o que faz comunidade ser organizada é o do professor, agricultor e presidente da associação de desenvolvimento comunitário – Santa Luzia na Ilha do Baixio, ele disse: “ Em relação à união que há entre os moradores, o fato da comunidade querer ser referência, modelo, fazer o melhor; mostrar que aqui não é diferente de Manaus, Belém, Rio de Janeiro”.

Como podemos identificar nos depoimentos supracitados, existe uma vontade de pensar e fazer de forma coletiva dos moradores em relação a sua comunidade, o que reflete implicitamente quando através da convivência experienciar com a comunidade, e seus moradores em conversas, entrevistas que no possibilitaram troca de conhecimento.

Essas descobertas, relacionadas a um lugar, possuem uma transição que passa pelo pesquisador e o entrevistado; entre o que quer conhecer e que conhece de forma extraordinária os saberes, os costumes, a geografia do cotidiano, a geografia das velas desfraldadas (plein veint) como disse Dardel, expressão de Lucien Lefbvre.

A geografia que nos propomos a revelar trás todo o contexto daquele que vive em comunidades distantes na Amazônia: o ribeirinho. Este vive através de suas histórias sobre lenda e mitos; habilidades sobre pesca e agricultura; conhecimento de plantas medicinais e ornamentais; todo esse arcabouço de etnoconhecimento<sup>25</sup>, dos quais ressaltamos apenas alguns em nossos estudos, como forma de apreciação e valorização dessa geografia que busca resgatar nas essências dos fenômenos percebidos por quem vivenciar o lugar.

Essa nova forma de estudar o homem e sua relação com seu ambiente e sua cultura e desenvolvida por muitos cientistas como etnociência, do qual segundo Diegues (2000,p.28) é dividida em vários ramos do saber: etnobotânica, etnoictiologia, etnobiologia. “A etnociência corresponde a parte da linguística que estudar o conhecimento das populações humanas sobre processos naturais, tentando descobrir a lógica subjacente ao conhecimento humano do mundo natural”

O aparecimento desta nova ciência é resultado de movimentos socioambientais que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980, cuja principal preocupação consistia na conservação e melhoria das condições de vida da população rural. No Brasil esses movimentos são representados pelos povos indígenas, seringueiros, quilombolas , os quais buscavam reconhecimento de áreas protegidas como reservas extrativistas.

Sobre esses saberes e conhecimentos, de acordo com R. S. S. de 31 anos, a pesca na ilha do Baixio durante o período da cheia apresenta uma quantidade de peixe menor; a cultura na ilha se faz do plantio de hortaliça. O morador não pesca se não tiver noção ou melhor uma técnica eficaz, poucos moradores do Baixio pescam para vender, comercializar, mas todos pescam para a sua sobrevivência. O motivo da pesca ser reduzida nesse período é, além da quantidade menor de pescado, que em nem todo lugar há peixe, o pescador tem que ter ‘cacoete’<sup>26</sup> para saber colocar a rede de forma adequada.

Durante a cheia, os pescadores demandam de um período maior de tempo e horas para que a pesca tenha êxito e, como disse o morador, o pescador tem que ser experiente e habilidoso pois cada peixe bóia de forma diferente, a exemplo: o curimatã bóia batendo a barbatana.

---

<sup>25</sup> Etnoconhecimento está relacionado ao tipo de conhecimento do homem ao seu ambiente, faz parte da chamada etnociência.

<sup>26</sup> Mania, jeito.

A malhadeira<sup>27</sup>, instrumento de pesca, possui tamanhos diferentes: 20, 25,40 cm; o que corresponde ao tamanho da malha de um peixe pequeno, médio, grande. A isca também é diferente e deve ser colocada de forma diferente, submersa, variando de espécie para espécie; dentre outros instrumento variados há também o espinhel que é utilizado para pesca bagres<sup>28</sup>.



**Fig. 08.** Malhadeira instrumento de pesca utilizado pelos ribeirinhos.  
**Fonte:** Nuse/UFAM. 2006.

---

<sup>27</sup> Malhadeira são redes de pesca passivas, feitas de linhas de mono e multifilamento, que possuem na parte superior cabos para sua fixação na vegetação e flutuadores e na parte inferior chumbada. Batista ET AL 2000. Citado por Pereira . A diversidade da pesca nas comunidades de área focal do Piatam in comunidades ribeirinhas modos de vida, caracterização dos solos e melancias.

<sup>28</sup> Bagres são os peixes lisos, a espécie mais representativa são os bagres: surubim, pintado, caparari, peixe arara vermelho.



**Fig. 09** - Peixe caparari espécie de bagre, sendo segurado por D. morador da comunidade do Baixio.

**Fonte:** trabalho de campo realizado em setembro 2011.

A pesca é uma atividade que requer também grande esforço físico, porque depende de onde se está pescando, o tipo de instrumento utilizado e o calor, geralmente em torno de 40 graus (na ilha os pescadores geralmente usam chapéu de palha e blusas de manga comprida para se protegerem do sol, poucos são os moradores que usam protetor solar).

Com relação ao depoimento do morador, é notório perceber essa inter-relação entre o homem e o seu lugar; ele identifica os ciclos das águas e as estações climáticas, pois o ecossistema amazônico caracterizado por ambientes de várzeas possuem suas especificidades, a falta de sincronização entre o regime fluvial e pluvial (chuvas) faz com que existam quatro “duas climáticas”.

No ecossistema de várzea<sup>29</sup>, que regulam o calendário agrícola, a enchente (subida das águas) ocorre no mês de dezembro à abril; a cheia (nível máximo das águas) ocorre no mês de maio à junho; a vazante (descida das águas) ocorre no mês de

---

<sup>29</sup> Várzea – terrenos baixos e mais ou menos planos e mais ou menos planos se encontram junto às margens dos rios. GUERRA, A, T. dicionário geológico geomorfológico. 8 - Ed. RIO DE JANEIRO: IBGE, 1993, p.433.

agosto à setembro; a seca (nível mais baixo das águas) ocorre no mês de outubro à dezembro.

Esses sistemas de ciclo das águas e as estações climáticas na região amazônica estão correlacionados; o homem ribeirinho é influenciado por esse ciclo tendo que adaptar-se a essa sazonalidade que ora é em ambiente de várzea, ora terra firme. Suas atividades agrícolas só se realizam quando as águas baixam; outrora, pescam nos lagos e nos rios no período da cheia, ou levam os seus gados para áreas de terra firme. Sempre encontram alternativas e mecanismos de sobrevivência, mas respeitando à natureza.

A simetria entre o ciclo das águas e das estações climáticas define duas principais estações: o “verão” e o “inverno”. Nos meses de dezembro e janeiro se formam as estações mais amenas, com o fim da seca a precipitação e a umidade dos solos começam a normalizar; nos meses de fevereiro, março e abril ocorre o período chuvoso que corresponde a enchente, chamam esse período de “inverno”, onde as precipitações são acima de 250 mm, ocorrendo baixa insolação e evapotranspiração.<sup>30</sup>

Sobre os aspectos geográficos relacionados ao período da cheia histórica que ocorreu no Estado do Amazonas no ano de 2009, a qual ultrapassou a cota de 1953, de acordo com depoimentos, a maior parte da ilha do Baixio ficou totalmente alagada; muitas pessoas tiveram que subir o assoalho das casas (palafitas) ; outras perderam suas moradias devido aos banzeiros que se formaram com a força das águas.

---

<sup>30</sup> Dados fornecidos por PEREIRA, Henrique. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões- Amazonas. In Fraxe, Pereira, Witkoski. Comunidades ribeirinhas Amazonas: modos de vida e uso de recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007,p.17.



**Fig. 10** – Escola Municipal Santa Luzia do Baixo, cheia 2009.

**Fonte:** material cedido por D. 14 anos moradora da comunidade do Baixo.

Mas da mesma forma que ocorreram prejuízos devido a essa grande cheia, os próprios moradores relataram que dependem dessas cheias para que a terra seja fertilizada e assim sirva para cultivar os seus produtos agrícolas. Outro benefício é que esses sedimentos trazidos pela correnteza dos rios proporcionam o aumento da ilha; dizem que antes a ilha do Baixo era menor, todo ano após a enchente ocorre o aterro na parte acima das terras que já existem na ilha.

Em relação à seca, os moradores aproveitam essa época para aprontar o ramal, uma espécie de caminho feito no solo que os moradores usam principalmente para escoar a produção de hortaliças e melancias; os mesmos têm que atravessar o lago e a restinga<sup>31</sup> que aparece na proximidade uma praia<sup>32</sup>. Segundo o morador R. 31 anos, “nessa época para quem só aprecia a beleza da praia é lindo, mas para quem têm que andar dois a três km para poder pegar a verdura, a melancia, a realidade é outra, requer união e esforço de todos”.

<sup>31</sup> Restinga – na Amazônia chama-se de restinga aos diques marginais ou pestanas que se depositam na planície do leito maior, junto ao curso de água. O mecanismo de tais aluviões por uma corrente fluvial, no momento de uma inundação, ou melhor, alagação. GUERRA, P.372.

<sup>32</sup> Praia- unidade paisagística muito importante que caracteriza a fase atual do rio. São deposições de partículas arenosas, predominantemente podem ser de origem de barras de canal após a fase seca, ou podem ser resultados de acumulação de sedimentos do canal. Pereira, a dinâmica da paisagem sócio ambiental das várzeas do Rio Solimões-Amazonas. In comunidades ribeirinhas modos de vida car. solos e melancia.p.25.



**Fig.11** - Lavagem da melancia para comercialização do produto, na comunidade Santa Luzia do Baixo.

**Fonte:** Nusec/ Ufam (2006).

Sobre a etnoconservação<sup>33</sup> alguns especialistas da área, como Diegues, compartilham do discurso que o saber local através do conhecimento das populações tradicionais aliado ao conhecimento científico podem desenvolver juntos um novo olhar para encontrar uma forma mais eficaz de trocarem conhecimentos e juntos descobrirem mecanismos que beneficiem a ambos.

Embora esse discurso seja de cunho ecologista, sobre essa nova visão do conservacionismo dando ênfase ao conhecimento tradicional<sup>34</sup> é uma forma de alguns cientistas reconhecerem a importância do saber local, beneficiando a todos com as descobertas nos vários campos da ciência. Surgem ao longo dos anos trabalhos de etnociência de grande relevância como o do pioneiro Lévi- Strauss.

<sup>33</sup> Diegues,A,C. Saberes Tradicionais e biodiversidade no .Brasília:MINISTERIO do meio ambiente:São Paulo:USP,2001.Nubaub.p.14. Construção de uma nova teoria e prática de conservação , com base nos problemas existentes nos países tropicais [.....]conservação real dos personagens e de proteger a diversidade biológica e sociocultural.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_saber tradicional, conhecimento tradicional, é definido como conjunto de saberes e saber fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração.p.25

Em 1987, foi publicado sob a direção de Darcy Ribeiro, A Suma etnológica brasileira cujo primeiro volume . Etnobiologia por Berta Ribeiro, e renomados autores com: W.Kerry.G. Prance,E. Elisabetsky,D,Posey.R,Carneiro.

Portanto a etnociência vêm ao logo dos anos sendo construída a parti de um nova teoria e prática de conservação com base nos países tropicais a diferença é que a mesma está sendo impulsionada por cientistas sociais, naturais ocorrendo assim, uma interdisciplinalidade além da cooperação de vária organizações não governamentais que buscam assim, proteger a diversidade biológica e sociocultural. Esperamos que as populações tradicionais e não tradicionais sejam ouvidas pelos órgãos institucionais e com haja uma preservação do patrimônio materiais e imateriais.

Na geografia Mítica , Dardel explora a relação simbólica entre o homem e a terra quando afirma : “ Da terra vêm às forças que atacam ou protegem o homem . que determina sua existência social e seu próprio comportamento...é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos”<sup>35</sup>.

O homem, desde os tempos remotos, quando não sabia explicar algum fenômeno da natureza sempre atribuía o seu significado a um mito, uma lenda; isso não é diferente do que continua acontecendo em muitas comunidades na Amazônia. Através do imaginário dessas populações ribeirinhas, onde os mais velhos através de histórias sobre cobra grande, boto, fogo fato, perpetuam seus conhecimentos através dos mitos que personificam o medo, às vezes do desconhecido, ou uma forma de proteção real diante de perigos eminentes que existem no lugar. Do imaginário dos moradores do Baixio, serão relatados a seguir alguns depoimentos colhidos no trabalho de campo na Comunidade.

Nos dizeres de uma moradora D. 16 anos , eu conheço uma história que minha mãe me falou é que um dia quando ela e uns tios meus estavam na praia ao meio dia e eles viram um fogo, esse fogo começou a correr atrás deles, ai quando eles chegaram perto da casa o fogo desapareceu.

R. 16 anos, minha avó me contou a história da cobra grande, que assombrava muitas pessoas e também falou que muitas pessoas já viram. Já ouvir muitas pessoas falarem sobre uma coisa muito assustadora que se chama chupa- chupa, aqui antigamente assustava pessoas.

R,V,S 44 anos, pescadores virão no Rio Solimões um barco todo iluminado quando mudaram à vista eles sumiram. No outro lado da ilha

---

<sup>35</sup> Dardel, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, p.48

outra história e que pescadores vão pescar no lago, ouvem alguém anda pela comunidade de bota. E ainda têm a história do fogo fato.<sup>36</sup>

De acordo com os depoimentos supracitados constatamos que o imaginário dos moradores do Baixio está presente como forma de assegurar a identidade do homem amazônida, suas lendas e seus mitos que estão presentes nas famílias que preservam através da história oral o conhecimento, a cultura dos seus antepassados.

Segundo Loureiro (1995) existe um jogo entre o real e o irreal, o que ele chama de sfumato, muito presente na cultura amazônica. “O homem desde a pré-história cultiva o desenvolvimento da questão mítica em suas relações entre os grupos que compõem o seu habitat; percorrendo períodos até a Grécia antiga.”p.49<sup>37</sup>.

Sobre a lenda do boto diz-se que o mesmo é um rapaz bonito, que se veste de branco para seduzir e engravidar as moças pode aparecer no quarto ou na beira de um rio. Segundo comentário de Loureiro se essa moça aparece grávida ela está livre da punição porque a gravidez está atribuída a algo sobrenatural. Portanto esse fato seria justificado perante a família, na verdade muitas gravidez mal planejadas são atribuídas à algo sobrenatural, para que os verdadeiros culpados sejam inocentados.

O imaginário dos moradores do Baixio reflete a identidade do homem da Amazônia que busca explicar os fenômenos dando os seus próprios significados um sentido real daquilo que muitas vezes é irreal, que está em seus pensamentos, nas suas memórias, na sua vivência ao qual não separa natural e o humano sempre busca fazer uma correlação entre o lugar e suas essências, refletindo assim na sua percepção aguçada, ricas em detalhes sobre as etnodiversidades culturais.

## **2.1 O lugar na percepção dos moradores da comunidade Santa Luzia.**

“Lugar conceito espacial que durante muito tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio”. Holzer

---

<sup>36</sup> Segundo depoimento da moradora o fogo fato deve ser os gases se desprendem da terra ou vegetação e na época da seca pega fogo e quando vai alagando, três meses atrás um casal viu no igapó, até hoje nunca ninguém pesquisou sobre esse fato do fogo. Trabalho de campo realizado em 11/06/2011.

<sup>37</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica uma poética do imaginário. Belém: cejusp, 1995. p.49

(2003)<sup>38</sup>, segundo esse conceito o lugar estaria restrito em identificar apenas o objeto, não relacionando o sujeito a esse lugar, ou a esse lugares como a comunidade de Santa Luzia na Ilha do Baixio.

Na geografia humanista, cultural ocorreu uma trajetória sobre o aporte conceitual chamado lugar, inicia-se na década de 20 e se consolida na década de 60. Na fenomenologia da geografia reportando-se a obra do autor Carl Sauer em 1925, outro autor que merece destaque e Eric Dardel que produziu a obra como base teórica na fenomenologia existencialista.

A fenomenologia e o existencialismo, como base filosófica, e a escolha do lugar como conceito espacial que mais atendia aos seus propósitos, seriam apropriados por alguns expoentes do coletivo. Tuan, Buttimer e Relh- empenhados na renovação da geografia cultural, ou melhor da própria geografia além disso, o reconhecimento da geografia humanista como campo autônomo de estudo.

Ademais Relp, “valoriza na fenomenologia a descrição das essências das estruturas temáticas, o exame dos modos como aparecem os objetos, o estudo da constituição dos fenômenos na consciência (...)”<sup>39</sup>, essas pesquisas fenomenológicas resultaram a autonomia em 1976, da geografia humanista.

E, a partir desse aporte teórico que nos propomos revelar através da percepção dos seus moradores da comunidade Santa Luzia que lugar é o Baixio, quais são suas impressões relacionadas a esse lugar. Alguns relatos dos moradores sobre como percebem o lugar, muitas opiniões estão correlacionadas às outras. O lugar significa a sua própria casa, lugar onde tudo é maravilhoso, lugar de união e onde sempre há tranquilidade, lugar que representa uma convivência sadia, lugar que representa a vida.

Como podemos constatar com os relatos dos moradores sobre o que é baixio, e existe uma exaltação ao significado dado ao lugar, o sentimento é externado através do amor ao lugar, às pessoas. A afetividade entre os familiares, vizinhos é um elemento que se sobressai entre os moradores dessa comunidade, pois ressaltam a importância de estarem morando próximos uns dos outros, a facilidade de deslocamento entre uma casa e outra.

---

<sup>38</sup> HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural – humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. In GEOgraphia ano v –n 10 -2003. Universidade Federal Fluminense. P.113.

<sup>39</sup> RELP citado por HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanística: uma contribuição para geografia contemporânea. 2003, p.113.

O homem de forma geral busca ter um sentido em seu mundo. O agricultor não é exceção. Sua vida está atrelada aos ciclos da natureza (enchente, cheia, vazante, seca, verão, inverno), isto é na ilha do Baixio, os agricultores dependem das cheias para fertilizar os solos, quando as águas baixam a terra já está pronta para à prática da agricultura.

Desse modo, na ilha do Baixio, suas vidas estão atreladas ao crescimento ao desenvolvimento e à morte das coisas; apesar do trabalho ser duro, proporciona uma seriedade que poucas ocupações podem alcançar. É fato que existe uma literatura grande sobre o agricultor e a natureza, mas em grande parte sentimental, e não sobre a vida rural, escrita por aqueles que não possuem as mãos calejadas.

Portanto, é importante descobrir, entender como se desenvolvem determinadas percepções de diferentes grupos de agricultores, pescadores em determinados lugares sejam eles de perto ou longínquos. A visão do mundo ou dos lugares é diferenciada, cada pessoa percebe de forma diferente o mesmo lugar, porque a pessoa carrega consigo suas próprias experiências, sensações, sentidos.

Muitos moradores desenvolvem atividades que requerem determinadas habilidades, já que como o agricultor ribeirinho, sua habilidade de contato tátil, visual precisa ser muito desenvolvida, principalmente quando lida com a terra para plantar, colher, viver; precisa saber qual a hortaliça ou fruta desenvolve-se melhor naquele terreno, qual melhor forma de plantar.

De acordo com o relato de um morador, agricultor, cada produto de hortaliça e verdura, fruta possui sua forma determinada de plantio, por isso na comunidade do Baixio cada morador tem autonomia para escolher a melhor cultura para desenvolver na sua família. Neste sentido, Tuan diz:

“A percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como atividade proposital, na qual certos fenômenos (...) muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura”. Tuan (1980, p.04)

A percepção é algo que faz parte da vida das pessoas, mesmo elas não tendo completa noção dessa característica que lhe é peculiar a muitos moradores do Baixio como foi caracterizado com a atividade do cultivo de hortaliças ou a pesca entre os

moradores. O processo de ocupação e povoamento da Amazônia refletiu ao aparecimento de muitas comunidades, inclusive a do Baixio.

A origem da comunidade Santa Luzia do Baixio, está relacionada ao processo histórico, geográfico de ocupação local que está inserido ao contexto nacional, onde o Governo Federal implementou inúmeros projetos desenvolvimentistas para ocupação da Amazônia, principalmente para trabalhar com a seringa, que mais tarde deu espaço ao cultivo de fibras como juta e malva.

Dentre as migrações mais expressivas na década de 40,50, estão os nordestinos que vieram para trabalhar nos seringais, na extração do látex, mas logo muitos perceberam que apenas estavam enriquecendo os donos do seringal e passavam a fazer parte do sistema de aviação conhecido na história do Amazonas. Na comunidade Santa Luzia existe uma forte influência nordestina, como podemos comprovar com o depoimento do seu João um dos primeiros moradores do lugar.

De acordo com o depoimento do seu João que nasceu na cidade de Garanhuns em Pernambuco, foi com o pai de Pernambuco para o interior do Ceará (...). Daí surgiu uma migração para o Amazonas, um homem era dono dessa ilha mandou buscar famílias do Ceará para trabalhar na juta.

“Nesta época vieram com toda a família em 1943, de acordo com seu João, em torno de quatrocentas famílias vieram para a Amazônia, para trabalhar na juta e borracha”. O governante na época no Brasil era Getúlio Vargas à qual deu as passagens para as pessoas trabalharem como soldado da borracha ao chegar à Manaus cada um tomou o seu destino.

Seu João foi trabalhar na juta, no Curari grande, na costa do Gutierrez, no Careiro da Várzea outro município do Estado do Amazonas, trabalhou um tempo lá, depois se mudou para um terreno em Pacatuba, município do Castanho. Somente após um ano ,seu João chegou a ilha do Baixio por volta de 1947, as pessoas diziam para seu João que o Baixio era um lugar muito bom e tinha um homem que estava distribuindo terra para as pessoas trabalharem com a juta, ele disponibilizava sementes e mantimentos para produzirem na terra, esse período durou dois anos, depois o dono arrendou cada 100 metros.

De acordo com seu João, ele e o irmão. José Alves dos Santos, por volta da década de 50, foram os fundadores da comunidade do Baixio, o irmão e pai de seu João já são falecidos, posteriormente foram chegando outros moradores por volta de

1957, alguns já faleceram. (João Alves, 84 anos, ribeirinho, agricultor, comunidade Santa Luzia do Baixio.)<sup>40</sup>

O nome da comunidade está associado ao nome de uma santa chamada Luzia o que demonstrar enormes laços sócio culturais dos moradores indica o fortalecimento do catolicismo, religião predominante num país de colonização portuguesa. Segundo relato de uma moradora D. Eunice, uma possível promessa à santa Luzia teria iniciado a prática da devoção na comunidade, que culmina na realização de novenários e nos festejos anuais dedicados a padroeira Santa Luzia.

No relato de outro morador R, o nome da comunidade está associado a uma tia dele que morreu e que rezava uma novena na casa dela, foi responsável por trazer essa imagem em 1953.<sup>41</sup>

Essas crenças práticas e ritos religiosos muito comuns e tradicionais de formação religiosa brasileira marcam, portanto, a continuação e a consolidação dessa comunidade amazônica, p.17. “Os lugares estão carregados de significados objetivos e representações (...). porque criam identidades, constituem a memória, a história constituída nos lugares comuns por sujeitos comuns, na vida cotidiana”. P.58

O lugar da comunidade do Baixio está atrelado ao significado de lazer, festividades, religiosidade. O futebol é o esporte realizado por grande parte dos moradores que organizam torneios intermunicipais no mês de janeiro ou maio, em que ocorre uma disputa entre os times de mulheres, homens e crianças.

---

<sup>40</sup> Depoimento dos moradores João e Eunice em entrevista dada ao projeto Piatam. In comunidades amazônica Amazonas, ethos e identidade. (orgs) Fraxe, Withoski, Pereira. Manaus: EDUA, 2007, p.16,17.

<sup>41</sup> Entrevista cedida pelo morador do Baixio no mês de agosto 2011.



**Fig. 12-** Time de futebol do Santos na década de 60.

**Fonte:** material fotográfico cedido pelo diretor da escola Santa Luzia do Baixio Trabalho de campo 2011.

Os troféus são guardados em locais públicos, como em escolas para que todos possam admirar. O futebol segundo o depoimento do morador é apreciado pela maioria dos moradores do Baixio. O nome do time é denominado por Santos e foi fundado em 1962, ainda tem alguns jogadores veteranos no próximo ano, o time fará 50 anos de fundação. Todos os anos no final de semana de janeiro e início de maio ocorre a copa Baixio é um campeonato intermunicipal, vêm pessoas do Careiro, Castanho, Manacapuru, Manaus, Iranduba.

O campo como está localizado na parte alta da ilha que demora a alaga. Mulheres, homens, crianças gostam de futebol, a premiação é boa aqui ocorre a entrega da premiação de fato, que é entregue ao vencedor com isso existe credibilidade, no torneio.



**Fig. 13** - Crianças brincando de futebol no campo do Santos.  
**Fonte:** trabalho de campo realizado em agosto 2011.

O campo também representa lugar de descontração, muitos moradores no final da tarde usam o campo para se confraternizarem, conversar, jogar bola, levar seus filhos para brincar, utilizam os espaços de várias formas colocam suas cadeiras na varanda, debaixo de árvores, ocorre assim nesse ambiente existe uma sociabilidade entre os moradores.

Outro grande acontecimento que ocorre nos mês de Novembro na ilha é a festa das Hortaliças, realizada pelos moradores como forma de divulga a produção de hortaliças, todas as pessoas participam dos preparativos da festa. Para a comunidade é sugerido colocar barracas para vender comida, bebida o festejo é aberto a outras comunidades ,que podem montar barracas.



**Fig. 14** – IV festa das Hortaliças, Novembro 2010.  
**Fonte:** Material cedido pela moradora da comunidade R.

No ano de 2011, houve a V edição da festa, o público foi em torno de 15 mil pessoas. Segundo o morador, é uma festa muito bonita, organizada que tem várias atrações musicais que são contratadas para as realizações dos shows musicais na comunidade.

A religiosidade também é uma forma de representar o lugar e de demonstrar sua identidade cultural. Na comunidade todos os anos ocorrem a festa da Padroeira Santa Luzia. Para Galvão (1976:10)<sup>42</sup>, “quando se pretende estudar a vida religiosa na Amazônia, não se pode esquecer dos outros dois componentes que integram a religião local, ou seja, o africano e o indígena .” Esses mecanismos de celebrações são formas de reafirmação de crenças, tradições sócio-culturais que aproximam cada vez mais os moradores através da religiosidade, e representações sociais compartilhadas por um grupo.

<sup>42</sup> GALVÃO (1976:10) Citado por MIGUEZ, Samia F, FRAXE, Therezinha de J, WITKOSKI, Antonio C., Caracterização sociocultural das comunidades da área do Piatam. P.60



**Fig. 15** – A religiosidade presente na comunidade, moradores carregando a imagem da Santa Luzia até a igreja.

**Fonte:** material fotográfico disponibilizado pela moradora R. Trabalho de campo 2011.

Em 2006, a festa em Santa Luzia do Baixio teve início no dia 2 de dezembro (sábado), com um show de fogos de artifícios e novena, no segundo dia houve a celebração da palavra organizada pela equipe de liturgia. Posteriormente foram realizadas brincadeiras e jogos. E atividades foram encerradas com novena, Nos dias seguintes, todas as atividades contaram com a participação dos moradores entre eles, jovens, idosos, mulheres, homem, crianças de várias idades P.61 memória etnos.

A maioria dos moradores do Baixio demonstra orgulho de pertencer a religião católica, gostam de participar de todas as comemorações realizadas aos seus santos, realizam arraiais com danças e comidas típicas de épocas juninas ou julinas, como forma de resgate da cultura popular.

A escola da comunidade Santa Luzia do Baixio é um espaço que caracteriza educação como forma de desenvolvimento da comunidade e dos seus moradores, porque proporciona mecanismo de mudança seja no lado pessoal do morador que não precisa se deslocar para estudar em locais mais distantes, como em Manaus ou no Iranduba.



**Fig.16-** Crianças na Escola Municipal de Santa Luzia da Ilha do Baixo.  
**Fonte:** material fotográfico cedido pela moradora. Trabalho de campo 2011.

O espaço físico que a escola apresenta, possui certa infraestrutura como salas confortáveis, uma biblioteca, refeitório, mas que como em outras localidades precisam de alguns reparos, como podemos constatar e após um período de uma chuva torrencial que ocorreu durante a atividade de campo no mês de outubro. No meio da área da escola, formou-se uma cachoeira artificial. Prejudicando assim essa área que ficou completamente alagada.

Mas por outro olhar, a escola sempre serve de espaço alternativo para que seus moradores participem de oficinas que são oferecidas por diferentes projetos que são desenvolvidos na comunidade, principalmente o projeto do Piatam que desde 2006, realiza oficinas, palestras na comunidade.

## **2.2 A geograficidade sobre a ótica dos moradores do Baixo, Iranduba/AM.**

Dardel (2011, p.41) esclarece “Existir é para nós partir de lá, do que é mais profundo em nossa consciência, do que é fundamental, para destacar no mundo circundante “objetos” aos quais se reportarão nossos cuidados e nossos projetos”.

p.41) Esse existir mais profundo da sentido à nossa vida o que está diante dos nossos olhos, e que não está diante dos nossos olhos.

“Antes de toda escolha existe esse lugar que não pudemos escolher, onde ocorre a fundação de nossa existência terrestre e condição humana.” Dardel (2011, p.41), segundo as proposições de Dardel podemos até mudar de lugar, mas sempre estaremos à procura dos objetos que nos cercam como montanhas, florestas, rios, mas o que mais nos incomoda não está longe do objeto e sim estarmos longe de nossas bases concretas ferindo assim a sua subjetividade e gerando um desconforto, como exemplo de uma pessoa que foi exilada, deportada.

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados de experiências do mundo. A situação de um homem supõe onde se move; um conjunto de relações de trocas, direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência.

O sentido de lugar para Dardel é a base de nossa existência. Esse lugar não é simplesmente um dado referencial, ele está atrelado a outros fenômenos que estão relacionados tanto ao lugar, como ao homem que vivência esse Lugar. “A geografidade é esta cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem, que se realiza na existência humana”.<sup>43</sup>

Sobre a geograficidade dos moradores da comunidade Santa Luzia, devido à convivência diária e as experiências repassadas de geração a geração, desenvolvem um sentido de percepção e orientação espacial que demonstram através do conhecimento de saber onde tem atalho entre um rio e um furo, onde o banzeiro e menor.

Dentre inúmeros depoimentos destaca-se do morador R, que disse saber identificar onde tem atalho para ir até o Iranduba, hoje se gasta 3 minutos e até Manaus corresponde a 15 minutos, pelo furo do Paracuuba, existe diferença entre um furo e outras áreas mais altas e mais baixas. Geralmente as áreas baixas são onde faz mais banzeiro, com a correnteza do Rio Solimões.

---

<sup>43</sup> DARDEL Citado por HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Sua trajetória de 1950-1990. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1992 p.85.

No Paraná, é considerado área de refúgio, de barcos que se escondem de temporais. No leito do Rio Solimões, um barco grande pode até resistir aos ventos fortes, mas se a embarcação for pequena pode correr o risco de naufragar, o rio se torna muito perigoso, sua velocidade torna-se intensa.

Esse é um aspecto muito relevante para qualquer pessoa que não conhece os rios da Amazônia, tentar encontrar um caminho entre os furos, igarapés, paranás pode se tornar um tormento. Mas para aquele que vive no lugar não tem mistério percorrer esses atalhos entre um lugar a outro, mas sempre respeitando e decifrando a natureza.

Sobre a questão da influência das enchentes em relação ao mecanismo de alternativas para encontrar possibilidades, mesmo diante de uma situação que para muitas pessoas representaria um problema, uma adversidade, para o morador do Baixo pode ser futuramente de fartura. Mas alguns moradores indicam como problema o fato de muitos barcos que passam pelo Rio Solimões provocam banzeiros, danificando muitas casas que podem chegar até deslizarem e assim provocar um acidente, mas esses fatos ocorrem mais nas comunidades que se localizam nas margens do Rio Solimões, como ocorreu na Comunidade do Espírito Santo, duas casas ficaram no esteio, à correnteza derrubou a casa.

Durante o período da cheia a ilha do Baixo fica boa parte submersa, não só é essa área, mas também boa parte que compõe esse ecossistema de várzea e igapó modifica totalmente sua paisagem, esse lugar apresenta-se por uma imagem paradisíaca formada por árvores que ficam submersas só enxergamos a sua copa, o solo se torna todo encoberto pelas águas de cor barrenta, os pássaros sobrevoam constantemente o lugar, o barulho do motor que percorrer o rio levando pessoas a diferentes destinos, é difícil descrever o contato o lugar, com as pessoas é uma experiência ímpar.

Como disse, Tuan deveríamos nos permitir vivenciar sensações diferentes, tocar o solo com as mãos, sentir a chuva cair em nosso corpo, experimentar sabores diferentes como saborear um do peixe da Amazônia que é delicioso com farinha tomar açaí com farinha tapioca, comer pão com tucumã, ouvir o canto do pássaro, ouvir o barulho da correnteza.

Parece que às vezes nos tornamos insensíveis em entender nossas próprias essências, e sensações. E passamos a não nos permitir ser como criança, livre, curioso, alegre, feliz a qual possui uma relação de aconchego com o lugar que está além de ser um referencial de localização.

Um desejo segundo depoimento de um morador chamado Raimundo 64 anos, sobre a questão do conhecimento que é repassado à comunidade em termos de conhecimento geral absorvido pelos livros, o mesmo diz que gostaria que, a educação no Brasil fosse por parte geográfica, por localidade, estudar aqui com livros que mostram outra realidade, sem conhecer onde mora se torna mais difícil.

Essa é uma questão que merece uma discussão por parte de educadores, políticos. Administradores, a maioria dos livros didáticos que trazem informação da geografia da Região Amazônica ainda é impessoal, desencontrada, generalista em alguns aspectos. É preciso que se faça uma revisão das abordagens geográficas de cunho regional, é importante o homem valorizar e entender sua localidade, mas o contexto geral também faz parte do conhecimento precisamos conhecer outras geografias.

E assim correlacionar o local ao geral, mas compreendemos a angústia do morador quando diz que precisa primeiro conhecer o seu lugar para poder conhecer outros lugares, o conhecimento, as oportunidades, a tecnologia, o desenvolvimento deve chegar a todos não importa se more na França, em São Paulo, ou numa comunidade Amazônica como a do Baixio.

O conhecimento deve ser democrático, a pesquisa como foi constatado na comunidade Santa Luzia do Baixio melhorou a perspectiva de vida dos moradores, muitos projetos beneficiaram diretamente os seus moradores seja na escola, na organização das associações comunitárias, na troca de conhecimento entre os cientistas e os moradores.

### **2.3 - A Redescoberta dos mapas Mentais como elemento norteador da representação do lugar na geografia.**

A forma de representar os lugares sempre fez parte das discussões de diferentes autores que estudam a geografia dos lugares. São inúmeras as contribuições seja através de textos, obras que trouxeram suas análises para a geografia.

Essas análises sobre a representação cartográfica dos lugares sempre priorizaram a precisão, a exatidão em seus mapas, não que estivéssemos desmerecendo a ênfase à geometrização e a matematização dessas representações nos estudos relacionados aos lugares delimitando o objeto e muitas vezes esquecendo o sujeito.

A geografia acadêmica avançou nos conhecimentos relacionados à representação cartográfica ocorreu uma padronização dos símbolos que se tornaram universais, e é essa linguagem cartográfica que “facilitou a leitura e interpretação dos mapas em qualquer lugar da terra”. Nogueira (2001, p.84).

Essa padronização facilitou essa comunicação adotando a linguagem universal, por outro prisma deixou de considerar as diferentes representações culturais. Portanto, deixou-se de considerar as percepções individuais, priorizando as que são feitas por fotografias, dentro de laboratórios.

Nossa intenção é rever as discussões das representações dos mapas mentais na geografia e propor outra possibilidade de análise o que faremos em nossa pesquisa, com ênfase dada a percepção dos mapas mentais dos moradores de uma comunidade da Amazônia, conhecida pelo nome de Santa Luzia ou Baixio.

A proposta de utilização da ferramenta dos mapas mentais em nossos estudos é buscar uma forma de relacionar as representações iconográficas do lugar e revelar através da percepção, do imaginário e do real, como os moradores concebem o lugar, vivido e experienciados por eles.

Através dessa relação homem e a terra ou homem e lugar, buscar entender os fenômenos, as essências, tentar entender essa cumplicidade entre o homem e o seu lugar, ou a geograficidade. E assim o homem passa a fazer parte, como aquele que participa, pensa, percebe o lugar a partir de sua percepção.

Dando ênfase na geograficidade, Dardel coloca o homem como coo-participante da pesquisa e deixa a condição de ser apenas um elemento que ilustra a pesquisa. A discussão realizada por diferentes autores na geografia sobre a

aplicabilidade de análise de mapas mentais requer rever método, e posicionamentos divergentes sobre sua eficácia.

Em relação às diferentes concepções sobre mapas mentais na Geografia, ressaltaremos alguns conceitos discutidos e estudados na geografia. Para Nogueira (2001, p.84), “Mapas elaborados a partir das imagens que temos dos lugares vividos”. Essas imagens os homens constroem pouco a pouco, e sua visão de mundo, seus valores vão formando (...) à partir do que ele vê e percebe”.

Nogueira em seus estudos sobre mapas mentais desenvolveu toda uma discussão sobre diferentes abordagens em diferentes épocas na geografia. Na década de 60, muitos geógrafos e não geógrafos desenvolveram análises sobre os mapas mentais como suporte teórico, ocorrendo assim “a valorização do saber cotidiano dos lugares, e o reconhecimento deste saber enquanto conhecimento do lugar”.p.85

De acordo com esses estudos, temos em Gould que os mapas mentais, “representam lugares distantes, e de imagens que estão em nossas cabeças que concebemos a partir de histórias, roteiros de viagens, filmes, romances ou ainda lugares imaginários.”<sup>44</sup>. Outra contribuição que se destaca é de Lynch que mesmo não utilizando a terminologia mapas mentais, avança nas representações que foram além do subjetivo.

A única divergência sobre a contribuição de Lynch, Gould contra-argumenta que as imagens mentais representem apenas o cotidiano. Para Nogueira (2001, p.86) mapas mentais abarca um entendimento mais abrangente, com a própria autora diz:

“Mapas mentais têm um significado individual afetivo, sócio cultural e geográfico a ser contemplado e o visível não é o único a ser representado, mas também os símbolos aparecem assinalados e que dão pistas para entender que existe um significado invisível também destacado”.

E assim como Nogueira, compartilhamos desse conceito supracitado, por entendermos que tal significado contempla nossos estudos sobre mapas mentais e a percepção dos moradores da comunidade santa Luzia, Iranduba/AM. O mecanismo de

---

<sup>44</sup> GOULD Citado por NOGUEIRA, Amélia,R,B. Percepção e representação gráfica: A geograficidade nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas. Tese de doutorado .São Paulo : USP,2001,p.86.

utilização de mapas mentais como forma de análise sobre a percepção que uns moradores possuem em relação a um lugar, será complementado pelas análises do imaginário, a etnodiversidade, as histórias contadas pelos moradores através de conversas, entrevistas, para assim darem suporte teórico as análises realizadas na pesquisa.

Outros autores como Gaspar, Marian, Antone, Bailly e Yves André apresentam suas contribuições. Para Gaspar e Marian “mapas mentais são construções espaciais feitas ao longo do tempo”<sup>45</sup>. Para Bailly “Carta Mental é um produto, que quer dizer, representação que uma pessoa tem do seu entorno espacial, ela permite fixar imagem de uma área dada e executar os limites do conhecimento”.p.81

Mas as críticas ao mapa mental também surgem, Tuan vê o conhecimento dos mapas mentais como fragmentado e grosseiro mesmo reconhecendo que são ricos em detalhes. Outro que critica é Capel que limita a capacidade de produção deles aos adultos alfabetizados, descartando a possibilidade de crianças e adultos que não dominam a linguagem escrita serem capazes de produzi-lo.

Portanto, Capel estaria limitando assim a percepção das crianças e dos adultos e não levando em conta a cultura de cada pessoa, segundo Nogueira (2001,p.94) “capacidade de organização das percepções sobre o lugar não está ligada ao desenvolvimento intelectual do homem, mas a sua relação existencial com ele.”

Essa argumentação de Capel desconsidera outras culturas que não dominam a escrita formal como meio de linguagem gráfica, não valoriza a representação gráfica, através de desenho e pequenos mapas de percurso de lugares. Reforçando a conceituação de mapas mentais que têm enfoque subjetivo, Lencione, diz que: “Os mapas mentais são subjetivos e construídos à parti da percepção do espaço:e no âmbito dessa percepção, os homens elaboram imagens acerca desse espaço.”<sup>46</sup>

Numa discussão proposta por Levy, mapa mental é definido como representação subjetiva do espaço. Este conceito que é ao mesmo tempo um tipo de documento geográfico, proposto por geógrafos anglo-saxões durante os anos de 1960,

---

<sup>45</sup> GASPAR E MARIAN citado por NOGUEIRA. Tese de doutorado. P.81

<sup>46</sup> LENCIONE citado por NOGUEIRA. Tese de doutorado (2001), p.95.

reencontrou uma ressonância importante durante os anos de 1970, em ligação com a corrente da geografia da percepção, para ser em seguida menos utilizado.<sup>47</sup>

O termo recebe três significações que remetem a três realidades diferentes, a primeira diz que o mapa mental é um produto diferente dos mapas objetivos dos cientistas: ele é uma representação inexata do espaço de referência. A segunda diz que o mapa será a imagem exata, a tradição da representação mental do espaço em questão no exercício. Então será a estrutura cognitiva da percepção do espaço.

A terceira significação corresponde a definir que o mapa mental não representa forçosamente uma boa imagem da estrutura cognitiva, mas pode, por exemplo, servir para medir uma atitude, expressa no desenho e na cartografia. Esta concepção é a favor que os geógrafos elaborem os mapas mentais são representações, básicas que sintetiza a relação com espaço das pessoas pesquisadas.

Inúmeras foram as críticas feita a eficiência e o uso exclusivo de análise dada as interpretações realizadas a partir da utilização dos mapas mentais na pesquisa, o questionamento dos pesquisadores é direcionado inicialmente a valorização na forma do indivíduo representar o lugar de forma espacialmente, deixando de considerar outros lugares representados como o imaginário, que somente se ouvirmos as pessoas poderemos identificar.

A sugestão dos pesquisadores é utilizar com prudência as análises com mapas mentais, é importante fazer um cruzamento com outro método, e assim reforça essa análise, enriquecendo a pesquisa e criando possibilidade de discussão mais profunda sobre objeto e sujeito geográfico.

É importante reconhecer agregar outros métodos de análises na pesquisa como forma de aprimorar a compreensão, criando assim possibilidades novas de discussão, nem um método é totalmente eficaz, e não irá resolver todos os questionamentos surgidos no decorrer do processo de construção e desconstrução da pesquisa.

O interesse para geografia da representação corresponde ao interesse epistemológico: a construção do conhecimento geográfico procede por adaptação e representação do real. A geografia como ciência social, sensível ao postulado

---

<sup>47</sup> IN : LÉVI Proposta de discussão sobre a terminologia mapas mentais, tradução de trabalho de Jaime Tadeu Oliva. 2003

segundo o qual as ações individuais e coletivas estão motivadas por certo vínculo com o mundo e com entorno dos sujeitos correspondentes, a geografia pode legitimar buscar identificar representações espaciais ou territórios dos indivíduos e das sociedades que estuda (Frémont, 1975); Debarbieux, 1998).

Os mapas mentais são mecanismos eficazes de aprimorar a aprendizagem, relacionada ao âmbito escolar, de acordo com Castellar (2010 p.25):

Os mapas mentais ou desenhos, ou desenhos são representações em que não há preocupação com qualquer perspectiva ou qualquer convenção cartográfica. O aluno pode então, usar sua criatividade ou estabelecer critérios com a classe, pois as representações ocorrem a partir da memória.

Os mapas mentais possibilitam desenvolvimento do raciocínio lógico em relação às funções de selecionar, agrupar, vivência, localizar objetos, saber deslocar-se e identificar as diferenças. Ou seja, “os mapas mentais são representação que revelam com indivíduos valoram os lugares, ao atribuir significados ou sentido de espaço vivido.” (CASTELLAR,2010, p.25).

## Capítulo 3

### Os Mapas Mentais e a relação com o lugar

Em relação ao Mapas Mentais e o lugar Kozel (2007,p.116), afirma que “Mapear é de uma maneira à outra maneira tomar a medida do mundo”. De acordo com a autora tal representação vai além matemática que consiste na medição do mapa, buscando assim ,valorizar o imaginado,o contemplado do lugar vivido, o qual pode ser o elemento material ou imaterial, experimentado de várias maneiras.

Desde a infância até a idade adulta, as imagens sempre fizeram parte de nossas vidas, são guardadas em nossa memória, registrando momentos felizes, tristes, constantemente nos reportam a cheiros, cores, sensações em relação a um lugar o que Tuan, chama de topofilia. Tais imagens trazem significado seja no presente ou passado de nossa vivência .

“As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante”. (TUAN,1980,p.137), Desde a Grécia antiga,China,os povos adquirem interesse, naquilo que lhe proporcionam sustento, medo. Como ocorreu no passado com os gregos, os egípcios que dependiam da fertilidade dos solos, do mar para navegação, a ilha que significa abrigo.

O homem sempre esteve à procura de entender essa relação com a terra, como disse Dardel. O homem que vivência essa realidade não precisa ter nascido na Europa para entender essa dinâmica da geograficidade que está presente todos os dias. O Homem ribeirinho da Amazônia pode ter outra forma de conceber, representa o lugar, mas isso não desmerece a forma peculiar que essas relações são estabelecidas na comunidade Santa Luzia na ilha Baixio.

O rio, a terra, a floresta, o homem e as relações sócio- culturais, simbólicas que se estabelecem na comunidade do Baixio, faz com que o homem sempre esteja ligado a esses elementos não apenas como aquele que habita o rio,vive na terra, depende da floresta, mas sim daquele que conhece a subida e a descida da águas, sabe o local onde está o peixe, como pescar o peixe,cultiva a terra e dela extrair o seu produto.

Todos esses aspectos citados a cima englobam a percepção do homem amazônico que desenvolve ao longo da sua vida através do contato visual, tátil, afetivo. Uma ligação de existência entre ele e o seu lugar, pois o mesmo faz uma leitura perceptiva cotidianamente, mas não desmerece o conhecimento dos seus antepassados.

“A imagem como representação do espaço é utilizada desde a pré- história, com o aparecimento de linguagem simbólica, quando o homem gravou na pedra as cenas do seu cotidiano, de sua história, das direções percorridas.” Lima, Kozel (2009, p.211):

“Os Mapas mentais são desenhos estabelecidos a partir das observações sensíveis, e experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas” (...) Holzer (2006, p.202) Mas isso não compromete veracidade do conhecimento que pode ser explorado sobre uma perspectiva fenomenológica,ressaltando essa vivência do homem e seus lugares.

### **3.1 As diferentes percepções representações captadas na confecção dos Mapas Mental**

Os mapas confeccionados pelas crianças e alguns adolescentes trazem particularidades na sua representação que para alguns autores , não poderiam ser chamados de Mapas Mentais porque em relação a sua percepção ao lugar atingem um nível de percepção em sua espacialidade restrito ,muitas vezes a um só elemento.

Por entendermos que o mapa mental deve conter um contorno espacial maior em relação a um lugar, comunidade, bairro, ilha. Em nossa pesquisa, porém adotou-se para efeito de uso didático e adequado nas análises e representação à terminologia Mapas Mentais em nossa pesquisa.

O enfoque dado em nossa pesquisa está relacionado em conceber as diferentes percepções dos moradores em relação ao lugar, portanto serão ressaltados os principais ícones que compõem a representatividade deste no mapa, mas entendemos que só isso não é suficiente para identificar à inserção sócio cultural do homem ao lugar, sua geograficidade.

As representações iconográficas representadas em um lugar, não são apenas elementos que ilustram o mapa mental, mas estão carregados de significados

simbólicos, culturais, sociais de uma comunidade, mas que também podem revelar o cotidiano, a realidades do lugar, das pessoas que o concebem.

A comunidade de Santa Luzia da ilha do Baixio, representar apenas um lugar da região Amazônica dentro do universo dos seus inúmeros ecossistemas e sua etnodiversidade. O homem amazônico está representado por populações Indígenas, caboclas na qual cada pessoa percebe o lugar individualmente de forma diferente do outro o que inclui sua afetividade, sua cultura, sua espacialidade. O visível e o invisível sempre estarão correlacionados, a sua vivência ou ao mundo vivido como disse Ponty.

A seguir apresentaremos os Mapas Mentais confeccionados na Comunidade Santa Luzia da ilha do Baixio através da percepção dos seus moradores crianças, adolescentes, adultos em relação ao seu lugar.



**MAPA 1** campo do Santos, a árvore, a casa, o lago, peixes – H. 10 ANOS, 2011. Este mapa foi confeccionado por uma criança, percebemos que o nível de percepção corresponde ao 1, sua percepção ainda é restrita a representação dos elementos espacialmente são aqueles que estão mais próximos e são familiar como casa, campo de futebol, árvore, lago, peixes.

As relações de toponímia de acordo com Tuan, estão relacionados ao campo que significa lugar de descontração, lazer, a casa representa segurança, aconchego. Através do depoimento da criança reforça esse significado “quando a mesma diz, eu gosto muito de jogar bola, e não são só meninos que jogam bola eu também gosto muito de jogar bola, eu também gosto da minha casa”. O nome da minha mãe é G. e do Pai é A.

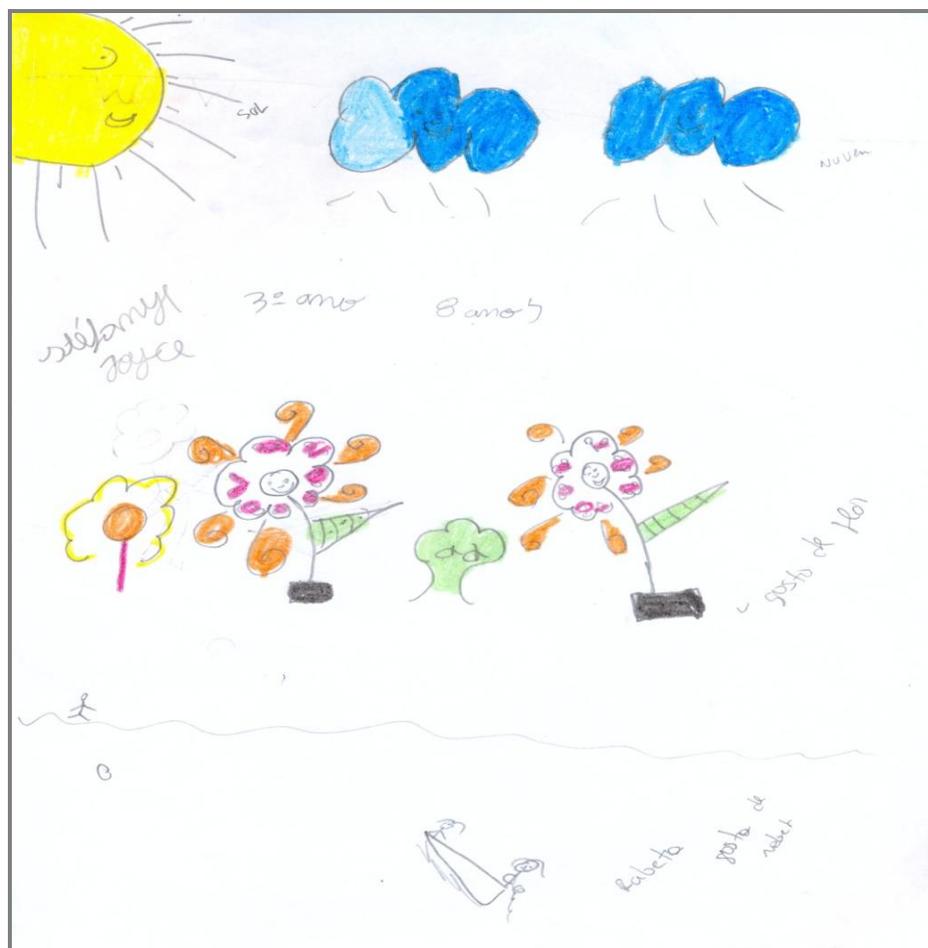


**Mapa 2** – L.12 ANOS O campo de futebol é um dos elementos mais destacado nas representações iconográficas das crianças, nesse mapa o aspecto principal foi o campo do Santos onde a percepção ainda está voltada para desenvolver sensações que proporcionam momentos de prazer, liberdades, é o futebol que personifica bem esse aspecto.

É importante ressaltar o elemento humano que embora esteja de forma solitária representado no campo caracteriza que ele tem consciência que existe uma pessoa no campo. De acordo com L. descreve, “eu gosto muito de jogar bola no campo e correr no campo, brincar”

Tuan (1980, p.65) diz que nesse momento da vida a criança possui uma abertura para o mundo. Através do gostar, sentir, transmitir esse desprendimento conforme Tuan argumenta que sem carga das preocupações terrenas, sem as cadeias

da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente do tempo, a criança está aberta ao mundo.



**Mapa 3** – O sol, as nuvens, as flores, a rabeta, as pessoas. S.8 ANOS 2011. Tuan (1980,64) diz que a criança pequena é animista: responde a todos os corpos em movimento como se fossem vivos e dotados de movimento próprio.

O mundo da criança pequena, portanto é animado e consiste de objetos vívidos, nitidamente delineados em um espaço pobre. Os elementos na representação estão posicionados de formas dispersas, mantendo uma visão de forma frontal.

Podemos perceber que, na representação confeccionada por S., as flores, as nuvens, estão vivas e com carinhas cada uma.



**Mapa 4** – Icones representando a palafita, o campo de futebol, às árvores, o sol. A.8 ANOS - 2011. O campo de futebol ainda é o que centraliza a representação, além de árvores, a palafita que um tipo de habitação específica da Amazônia mostra de forma peculiar a arquitetura do homem ribeirinho, existe uma proporcionalidade entre os elementos representados.

As cores: E verde, vermelha, azul, amarela destacam esse mapa. A posição dos elementos está de forma organizada, a noção espacial é peculiar. Na preferência de cor, a criança pequena parece indiferente às cores mistas, bege, malva, lavanda, mas é fortemente atraído por tons brilhantes, tanto quanto tende a agrupar objetos geométricos, Tuan (1980, p.65)



**MAPA 5-** Campo de futebol. A.14 ANOS 2011. A imagética do campo de futebol, ainda continua muito presente na vida do adolescente da comunidade do Baixio, embora na representação iconográfica tenha representado um só elemento, através de depoimento o mesmo demonstra ter uma percepção maior do que representou.

Em seu Mapa o adolescente A. o descreve sua dizendo assim, essa imagem retrata o que ele mais gosto, que é jogar bola. Este é o campo do Santos Futebol Clube, da ilha do Baixio, onde nos finais de semana as pessoas se divertem, na prática do futebol.

Além da percepção do adolescente em relação ao seu mapa se constatou através de depoimento , o seu imaginário em relação ao lugar com perguntas sobre histórias do lugar, sobre o medo, principal atividade econômica.

O mesmo diz que, em épocas passadas, moradores descobriram que tinha alguma coisa acontecendo nas proximidades da comunidade então, eles foram observar nas proximidades, ao chegar a localidade, descobriram a existência de um homem que só vivia ali à noite ,e que durante o dia não era visto por ninguém.No entanto, um dia os moradores foram de novo bem de manhã e descobriram que era o boto, que de dia vivia na água e de noite ia para casa.

De acordo com Dardel (2011, p.51), “A terra não é somente origem, ela é presença. A possibilidade, convocando o ser pelo conjunto das presenças que o cercam”.



**MAPA 6 – ARRAIAL DA COMUNIDADE . R. 14 ANOS 2011.** Os ícones representados são a igreja que está representada de forma frontal, o campo de futebol também em destaque. As relações sociais estão representada através do arraial que acontece todos os anos na comunidade do Baixio. A adolescente destaca o elemento humano, caracteriza a geograficidade de Dardel.

Em seu depoimento a adolescente destaca a história da Cobra-Grande, do chupa-chupa que a avó contou. A mesma possui medo no lugar de animais, mais o maior medo e sobre as lendas principalmente do fogo fato que já ouviu muitas pessoas falarem.



**MAPA 7** – A festa da horta. B.16 anos 2011. As relações sócio culturais servem para aproximar as pessoas e manter viva a confraternização entre amigos, parentes. A festa da horta apesar de ser uma festividade nova na comunidade foi iniciada em 2007, já possui uma grande representação entre os moradores da comunidade, que falam com orgulho da comemoração da produção das hortaliças. E uma forma coesa de festeja com seus amigos, parentes, visitantes.

A representação da adolescente B. põem em evidência os elementos que destacam a presença de ícones modernos na comunidade, como carro, ônibus, bandas de forró contratadas da cidade de Manaus ou às vezes de outros estados. Surge assim a inserção do homem do rural aos elementos da cidade. Também enfatizamos o elemento humano, o qual apresenta uma mobilidade entre os moradores da comunidade, visitantes que estão participando da festa das hortaliças.

Sobre o imaginário, a adolescente cita o fenômeno que ficou conhecido como o chupa – chupa. Eles têm medo de jacaré, cobra; e não anda só pelos rios, mas diz saber se orientar pela correnteza do rio. Sobre as atividades desenvolvidas na comunidade se destaca a agricultura no período da seca e na cheia poucos sobrevivem da pesca.



**MAPA 8** – Palafita R, 13 ANOS. Representação iconográfica detalhada de um tipo de moradia chamada palafita, o qual detalha a arquitetura desse tipo de construção típica da região amazônica, possui uma visão oblíqua de forma até bidimensional, detalha cada espaço da palafita. As cores utilizadas para representa a palafita é a cor vermelha, bege. O mesmo possui uma precisão milimétrica, com detalhes no traçado do telhado, na varanda da palafita.

Este tipo de moradia é predominante na ilha do Baixio, geralmente são construídas na parte mais alta do aterro, a palafita segundo Oliveira (2007, p.118), possui em sua construção um fechamento em madeira e cobertura com telhados metálicos. As fundações são um conceito, formando sapatas individuais onde os opacos são pilares de madeira em função da madeira, disponível.



**MAPA 9 – A CENTRALIDADE . A, 14 AOS 2011.** Os ícones representados são os que compõem a centralidade da comunidade está composta com a escola, à igreja, o campo de futebol, além de representar outros ícones como as árvores, os flutuantes, os peixes, lago grande.

Uma curiosidade é a forma que a adolescente concebe o lugar quando diz que seu mapa representa sua ilha, é uma comunidade unida. A forma de exaltação ao lugar, as coisas que lhe parecem familiar obvias e a questão de pertencer a um lugar que Dardel e Tuan comentam em suas obras. O orgulho de está inserido em um lugar, onde existe o significado de união, caracterizando, assim a afetividade, o pertencimento.

O nível de percepção da adolescente se enquadra no nível 2 , porque a mesma consegue ter uma visão até o lago grande que há disponibilidade de alimento peixe, a moradia do tipo flutuante. A vegetação que margeia o lago, parcialmente a ilha.



**MAPA 10-** Lago Grande G.14ANOS 2011. Neste mapa a adolescente ressalta sua percepção com a frase minha comunidade onde eu vivo. Também vivem todos os meus amigos e amigas. Existe uma forte influência da topofilia em relação às pessoas e ao lugar, como podemos identificar alguns ícones representados como à ilha, o lago, as palafitas, a igreja, as árvores, o sol, a nuvem.

Utilizam muito as cores frias e quentes fazendo um contraste visual, a cor verde é de incidência maior no mapa, a qual identifica o igapó que encontrado as margens dos lagos, a mesma possui uma percepção nível 2 que chega a abranger em sua espacialidade parte da ilha.



**MAPA 11- S, 15 ANOS 2011.** Os ícones representados são as palafitas, as igrejas, a escola, campo de futebol, o lago grande, os igapós, o sol, as nuvens, os pássaros, o peixe. A identificação com o lugar é muito significativo em seu mapa, os ícones a igreja, o campo, representam parte da centralidade da comunidade.

Uma curiosidade em relação à representação da cor utilizada para representar o rio Solimões pela adolescente, a que disse que não pintaria o rio com a cor azul, porque a verdadeira cor do Rio Solimões é mais para um amarelo. Mas o lago pintou de azul.

Com o depoimento da adolescente sobre sua representação a mesma disse que, o significado do meu mapa não mostra a metade do Baixo mais tenho orgulho de dizer que essa ilha representa uma das melhores coisas para mim, só posso dizer que é maravilhoso morar nesta ilha.



**MAPA 12-** M.14 ANOS 2011. Os ícones representados no mapa do adolescente são, o campo de futebol, a igreja, escola, igapós, palafitas, lago grande, peixes, rio Solimões. O significado do seu mapa de acordo com o depoimento do próprio adolescente, diz que gosta de morar aqui, porque amo morar nesse lugar, quero que continue assim esse lugar. Comunidade Santa Luzia, ilha do Baixio.

Comunidade na reflexão de Weber esse sentimento de união é o que vai compor o verdadeiro sentido de caracterizar uma comunidade, porque todos os moradores manifestam e traduzem essa coesão de forma um todo.



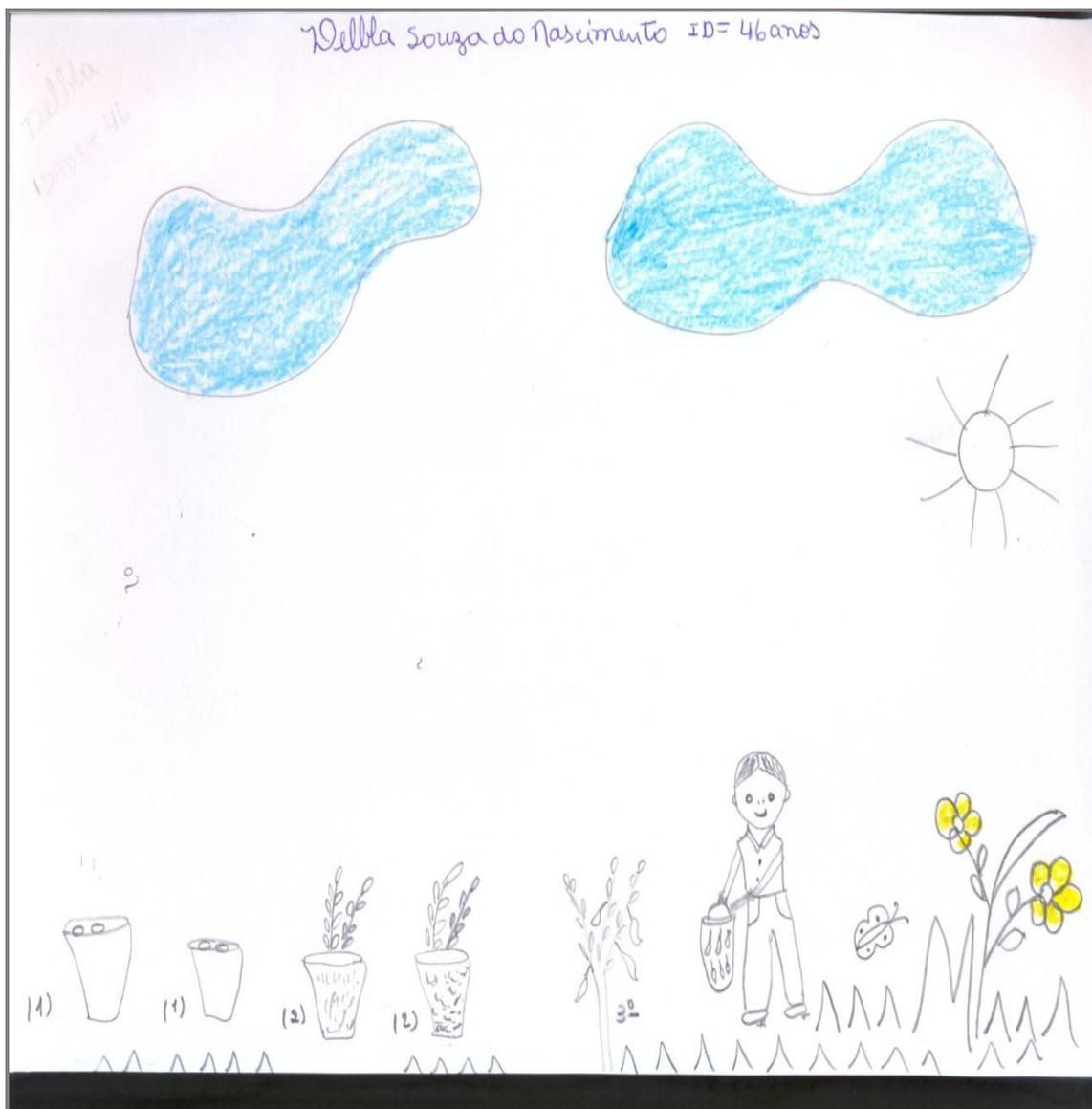
**MAPA 13 - RELIGIOSIDADE V.14 ANOS.** A representação do adolescente destaca apenas um ícone a Igreja de Santa Luzia. Segundo seu depoimento a igreja representa a casa de Deus e as pessoas vêm orar nela esta é a Igreja de Santa Luzia da ilha do Baixo.

A religiosidade é uma característica muito presente entre os moradores da ilha do Baixo, e de outras comunidades da Amazônia, principalmente a religião católica que foi influenciada pelos portugueses na época da colonização.



**MAPA 14-** CAMPO DE FUTEBOL J. 14 ANOS. De acordo com o depoimento do adolescente, este é o campo do Santos da ilha do Baixio. Onde nos finais de semana jovens, crianças e adultos se divertem praticando futebol.

O campo de futebol ainda está muito presente na vida das pessoas que moram no Baixio, o jogar bola faz parte da cultura de cultivar a amizade, manter os laços de união. Apesar da representação do adolescente estar inserido no nível 1. Percebemos que é complexo mensurar o nível de percepção de uma pessoa atribuindo apenas como utilizando a ferramenta sua percepção no papel através dos mapas mentais, por isso complementamos as análises dos mesmos com as entrevistas.



**MAPA 15 - BANCO DE SEMENTES.** D. 46 ANOS. Nesta representação, o destaque é para o processo de sementeira, plantio, colheita de algumas hortaliças que foram desenvolvidas na comunidade. O projeto Piatam desenvolveu um projeto de construir um banco de semente e ensina todo o processo aos moradores e assim ajudam a disseminar a informação, conhecimento.



**MAPA 16-** A ILHA. D. 34 ANOS. Segundo comentário da própria moradora sobre sua representação, diz que consiste em retratar o lago grande, a ilha do Baixio, e o igapó. Esse lago é muito importante porque é dele que as pessoas retiram seu alimento (peixe), o igapó representa a flora dessa região.

Os ícones que estão inseridos além dos citados pela moradora é o flutuante, a malhadeira tipo de instrumento de pesca, a canoa meio de transporte a mesma consegue fazer uma relação do lugar entre o vivido e concebido.

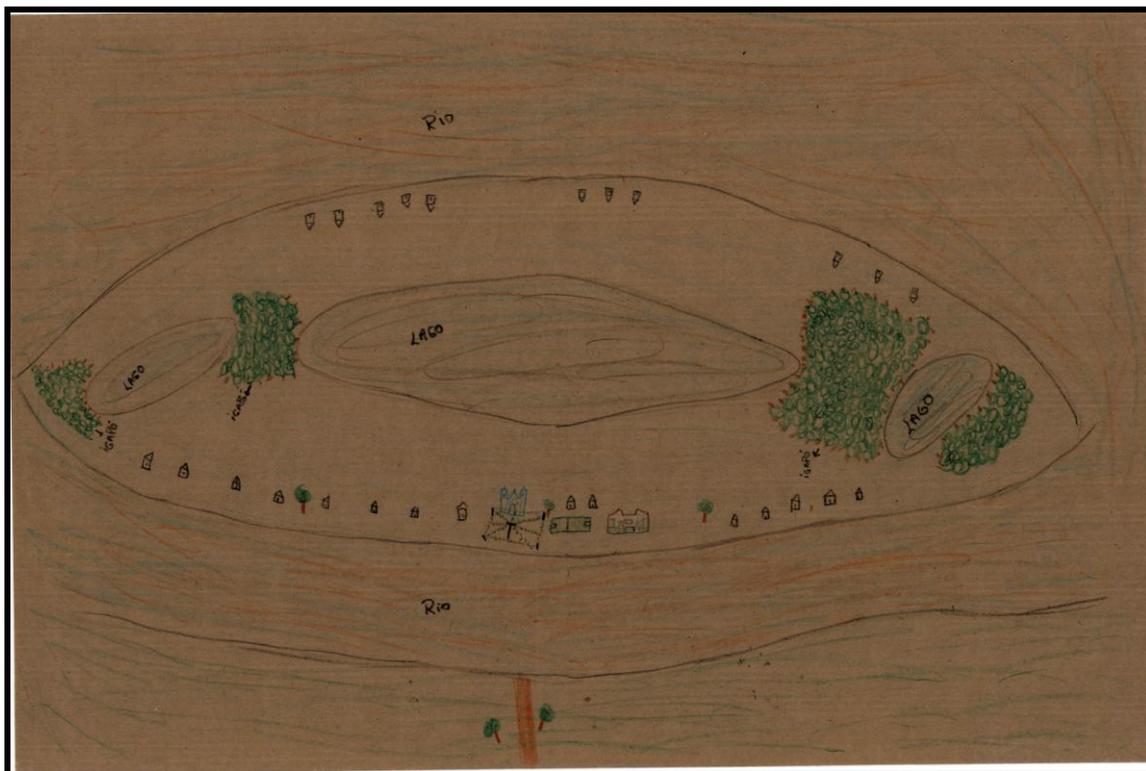


**MAPA 17-** O PANANÁ DO BAIXIO E OS PESCADORES. J. 27 ANOS 2011. Nesta representação o morador destaca diferentes ícones: O rio Solimões, o pescador. Paraná do Baixo, paisagem, peixes, palafitas, voadeira, malhadeira.

A forma como representou seus ícones dá uma impressão de movimento dos elementos móveis, como a voadeira motor de polpa veloz tipo muito utilizado pelo ribeirinho como meio de transporte fluvial pelos rios, lagos, igarapés da Amazônia e o elemento humano representado pelo pescador.

Nesta representação, segundo a definição do próprio morador vamos ter o Solimões: com o pescador decaindo as suas malhadeiras para tirarem seu sustento do rio. Paraná do Baixo e as casas dos moradores e seus viajantes. A paisagem de rios e florestas do nosso Baixo.

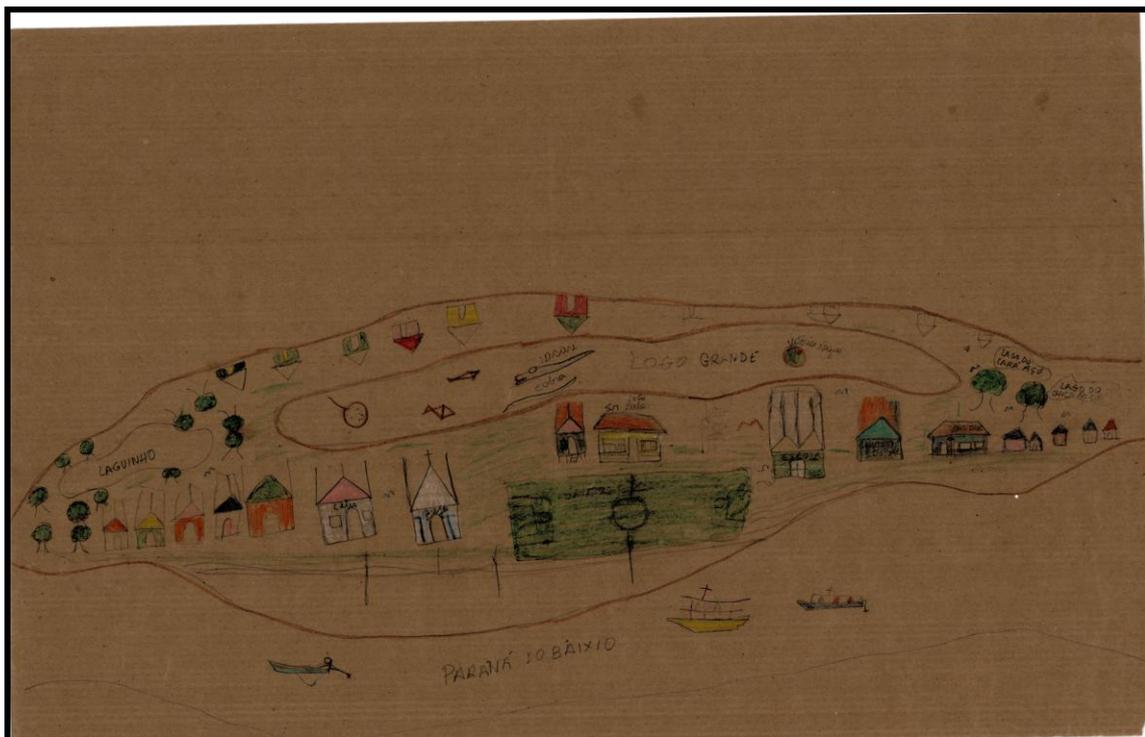
Embora sua percepção não tenha atingido toda a espacialidade que compõe a ilha do Baixo, a forma de descrever e representar as relações sócio- culturais que ocorrem na ilha, são muito ricas em detalhes o mesmo consegue sintetizar no espaço de proporção menor muitas informações, descreve de forma visual o ato de execução de pesca, utilizando a malhadeira para pescar. Em outro cenário mostra o pescador esperando o momento certo de retirar sua malhadeira. Em outros momentos, vários viajantes navegando pelo rio da Amazônia, no caso o Rio Solimões.



**MAPA 18 - A ILHA DO BAIXIO.** A. 22 ANOS 2011. Neste mapa o nível de percepção é o 3. Porque ocorre uma abrangência em descrever os detalhes dos ícones que representam o lugar. Os ícones que aparecem no mapa são: lago grande, rio Solimões, igreja, campo de futebol, escola Santa Luzia, ramal da comunidade, igapó, árvore, palafitas, ilha.

Estes ícones representam os elementos que compõem a natureza, a sociedade e suas relações de transformações que são originadas a partir do contato do homem com a terra e a sua geograficidade. Através do depoimento do morador o lugar representa união, estruturação. Seu imaginário está relacionado à lenda do fogo frito.

Seu sentido de orientação espacial foi despertado desde cedo, alguns elementos servem como pontos de referência com a árvore grande, campo do Santos. O tipo de transporte na cheia é a rabeta, canoa, barco, na seca ônibus, carro, tratorzinho (girico). As atividades de lazer correspondem ao futebol, na seca e na cheia tomar banho de rio.



**MAPA 19-** A ILHA DO BAIXIO R.44 ANOS 2011. A percepção da professora possui nível 3, porque a mesma abrange espacialmente grande parte da ilha e suas relações. De acordo com o depoimento da professora sobre o que o lugar representa, a mesma diz que significa paraíso, vida, fartura, convivência favorável. Segundo a professora, o mais legal do Baixo é a família, a religião, a proximidade com Manaus.

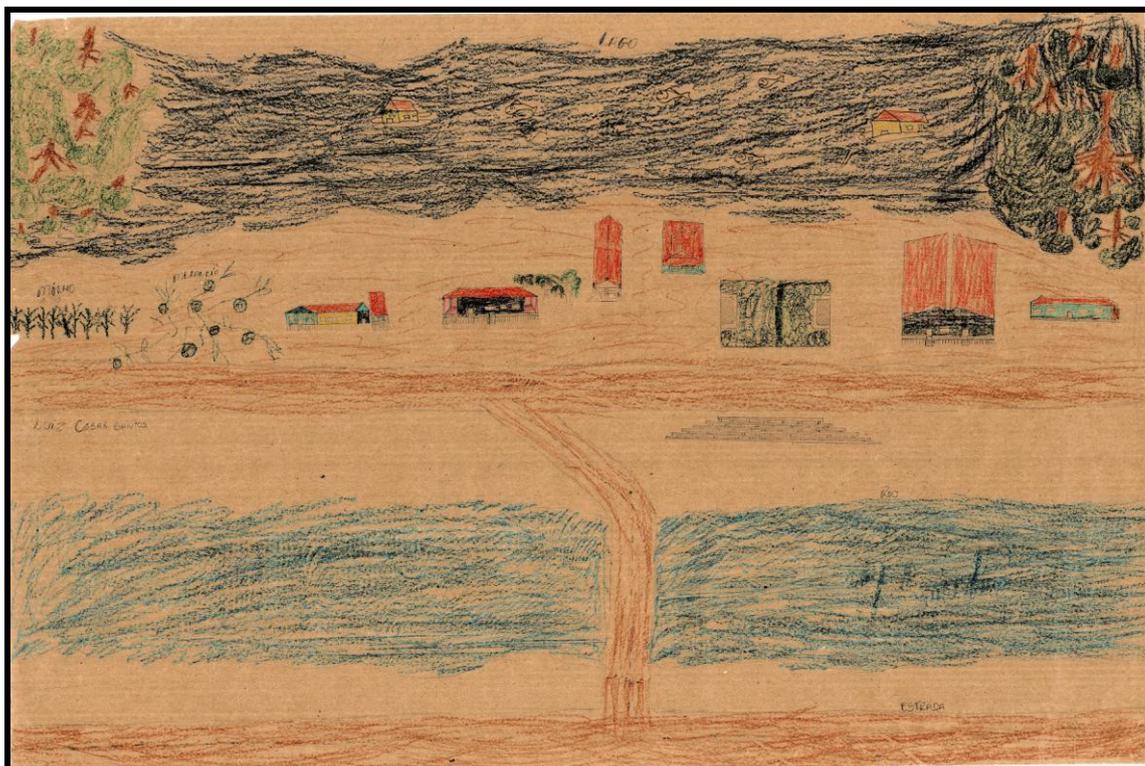
O imaginário está presente na lenda do homem de bota, fogo fato, cobra grande. O sentido de orientação, não sabe dirigir barco, mas sabe onde tem lago, furo. Sobre a sazonalidade da cheia, seca, diz que no período da cheia não tem como desenvolver agricultura. Têm pessoas que vão para terra firme desenvolver a agricultura, nesta época quase não tem trabalho para os moradores.

O lago que tem peixe é o lago grande, permanente. A pesca é pouco representativa na ilha. As atividades culturais desenvolvidas na comunidade são festa da horta, padroeira, campeonato de futebol. Essas atividades são importantes para promover a comunidade para as pessoas que visitam nossa comunidade. Uma curiosidade que gostaria de comprovar a respeito da cobra grande, sabe se realmente existe.

É uma comunidade que recebe vários pesquisadores, mas segundo a professora é importante saber sobre as comunidades, mas é importante que haja um retorno dessas pesquisas para a comunidade, como já ocorreu pesquisa sobre o analfabetismo realizado pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas) em 2006. Sobre as

espécies de peixe encontrados na ilha destacam-se curimatã, tucunaré, pirarucu, sardinha, peixe boi que apesar do nome é um mamífero.

Mensagem deixada pela professora, que venham visitar a comunidade principalmente nas festas da padroeira, horta, campeonato de futebol. Estamos de portas abertas.



**MAPA 20.** ILHA DO BAIXIO. L.29 ANOS 2011. O Baixio lugar bom de se viver, onde podemos encontrar os amigos. Seu imaginário está relacionado a lenda da cobra grande, no rio Solimões, gostaria de ver a cobra grande.

Em seu mapa destaca o tipo de produto desenvolvido na agricultura comercial com o cultivo de milho, horta, melancia. A maior parte da renda da comunidade é oriunda da agricultura. A centralidade da comunidade é ressaltada através dos ícones igreja, escola, campo de futebol. Nível de percepção 2, porque sua espacialidade vai até o lago grande.



**MAPA 21-** A ILHA DO BAIXIO. J.22 ANOS. Em seu mapa atingil o nível de percepção 3, consegue contornar toda a ilha. Os ícones representados são a escola, casa do seu João Lula fundador da comunidade, campo de futebol, casa da dona moça, rio Solimões. Pescadores, malhadeira, barco, igapó, flutuante, vitória régia vitória amazônica, lago menor, peixes como : tucunaré, curimatã. Este representa a atividades de pesca sendo desenvolvida pelos pescadores utilizando o caniço, e a malhadeira no rio Solimões.

O morador possui percepção das coisas que lhe são familiares, porque o mesmo interage com esse lugar uma autêntica geograficidade, tem noção das ações, e intenções humanas, a noção do perto, longe, dentro, fora são ressaltados nessa representação.

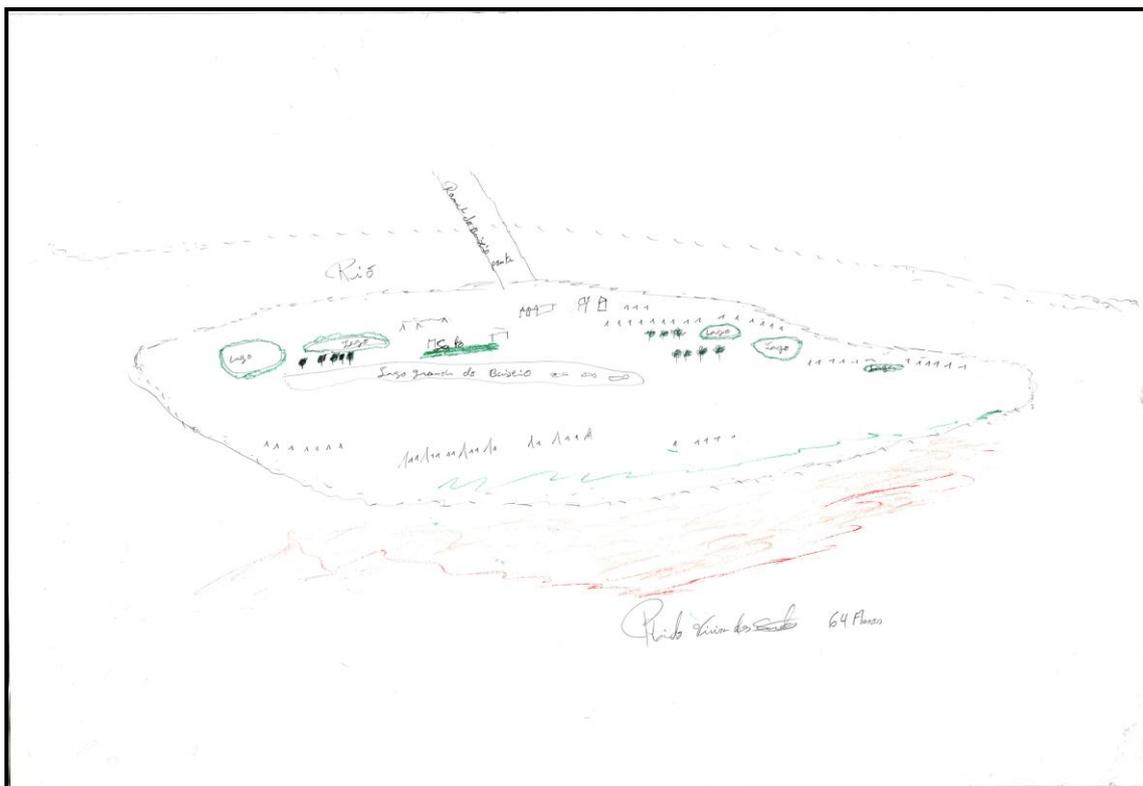




**MAPA 23** – PARANÁ DO BAIXIO. R, 31, ANO 2011. Em seu mapa destaca a centraliza o e organiza o social da comunidade como a igreja, o campo, a escola. A agricultura   a principal atividade econ mica na comunidade destacando-se o cultivo de hortaliça, melancia, milho. A pesca   desenvolvida em menor quantidade.

Os pescadores utilizam vários instrumentos de pesca a malhadeira, a tarrafa, o caniço. Cada peixe boia de forma diferente e o homem ribeirinho desenvolve a percep o sobre cada conhecimento em rela o as suas especificidades. Sobre a isca do peixe, cada isca deve ser colocada de uma forma.   muita informa o ninguém consegue adquirir tanta habilidade e conhecimento lendo em manuais de pesca, essa experiência da troca de informa o entre o homem e o seu lugar ou como diria Dardel da sua geograficidade.

“Pela geografia, o homem aprende sua situa o de ser finito, de criatura terrestre que compartilha um mundo com outras criaturas.” Dardel (2011, p.123).



**MAPA 24 - ORGANIZAÇÃO. R. 64 ANOS 2011.** O lugar representa localidade, organização, conscientização. O pescador consegue pescar nos rios e nos lagos observando o movimento do peixe quando ele bóia. Sobre algo que cause medo ao lugar o morador diz que o único problema e os mal facejos, barriga d' água.

A família do morador foi a primeira a chegar na comunidade, o principal motivo de migraram foi por essa terra segundo depoimento do seu R. ser de acréscimo. Além do conhecimento geográfico que possui o morador existe a linguagem própria do lugar, o morador usa muitas expressões que são próprias do lugar. Como a palavra mal facejos que segundo o morador significa pessoas mal intencionadas, marginais; barriga d' água – piratas que atacam no rio Solimões; terra de acréscimo- várzea.

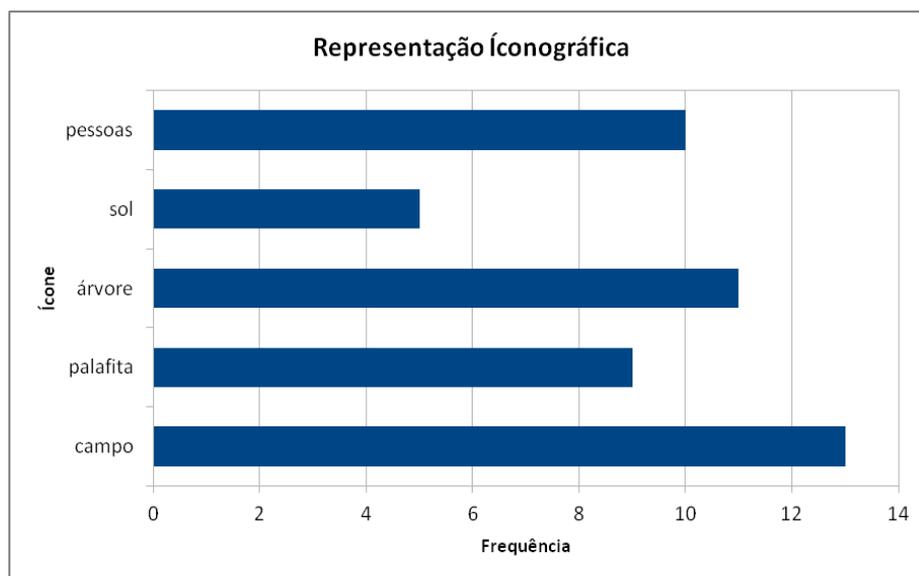


**MAPA 25- FAMILIA.** M. N. 53 ANOS 2011. Para a professora o lugar representa a família. Os ícones representados em seu mapa são o campo, árvores, flutuante, peixe, pássaros, Rio Solimões, igreja, flutuante, lago grande. Em relação ao desenvolvimento econômico no período da cheia a M. diz que na cheia pescam, ou conseguem trabalho com transportes de rabeta e outros vão para a terra firme.

A professora gosta de pesca de caniço, de malhadeira no período da enchente nos igapós na seca os peixe ficam dentro dos lagos. Na cheia o deslocamento é melhor, mais fácil as pessoas saem e entram nos rios, furos. Na seca e mais difícil.

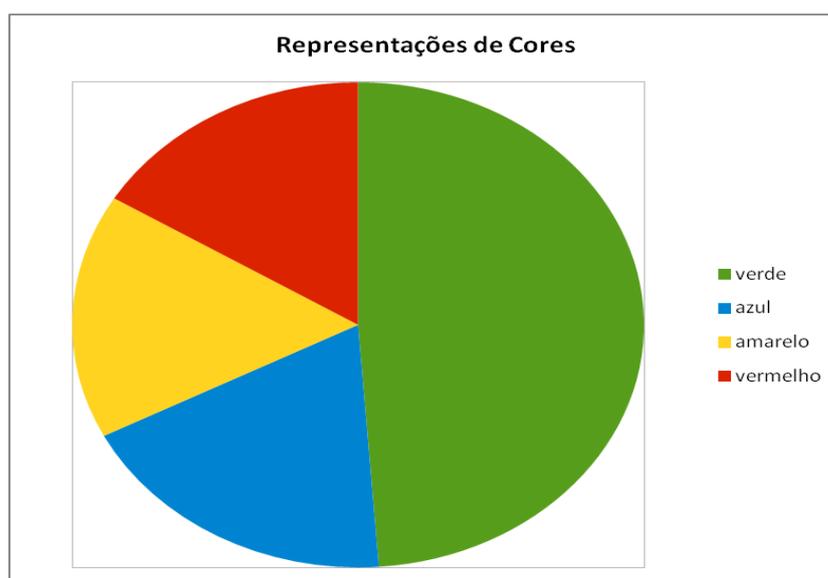
### 3.2 O que retirar de informação geográfica dos moradores do Baixo

De acordo com o gráfico de representação iconográfica, das crianças da comunidade do Baixo. O campo é o ícone mais representativo significado está atrelado ao significado do lazer, brincadeira. O índice de frequência apresentado foi > que 12.



**Gráfico 1** – Representação iconográfica das crianças do Baixo.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

O segundo ícone representado pelas crianças e a árvore possui uma frequência > que 10. A vegetação nessa fase não é associada de forma de contexto ambiental e mais um elemento ilustrativo. O terceiro ícone representado é o elemento humano, geralmente caracteriza uma pessoa da família, o elo de afetividade está presente em suas percepções e representações.

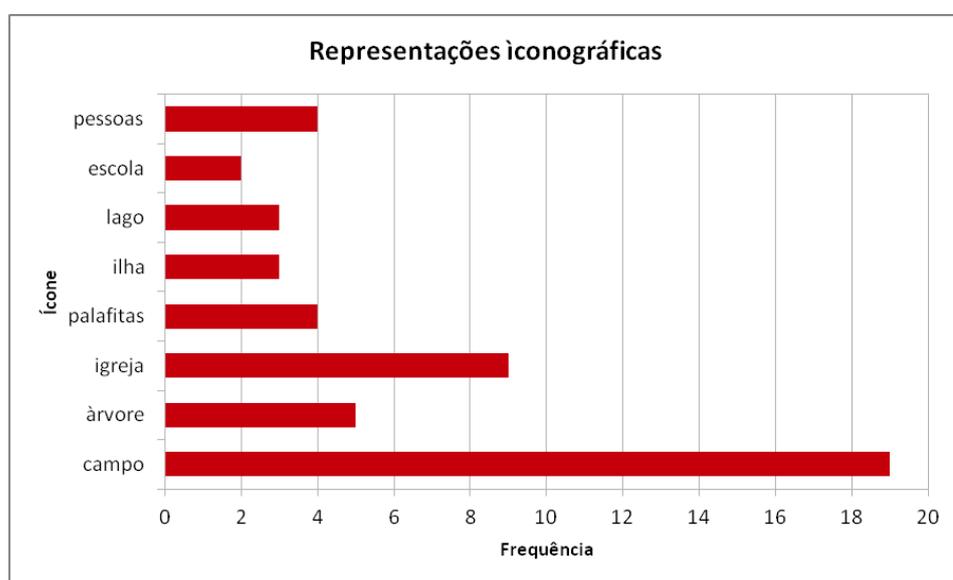


**Gráfico 2** – Representação iconográfica das crianças do Baixo.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

Na representação iconográfica cor, o verde sobressai as demais cores, o verde está associado ao futebol e a vegetação na comunidade do Baixo. No simbolismo de cores, o verde representa esperança, vida.

Para Tuan (1980, p.30) ”na maioria das línguas o termo verde está relacionado com as palavras para plantas e crescimento. Em inglês, Green, growth e Gross são derivados da raiz germânica grō, que provavelmente significar crescer.”

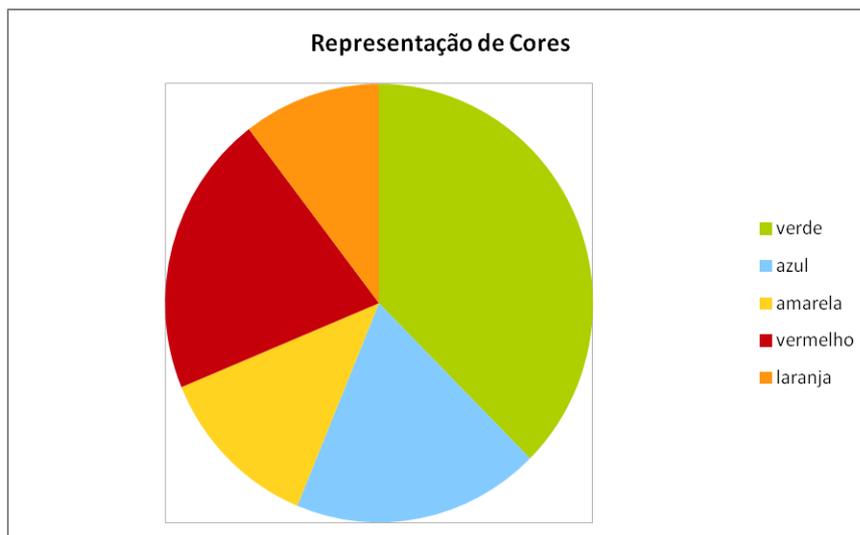
As crianças que participaram da pesquisa de campo foram no total 24, a idade e a partir de 4 anos até 12 anos. São alunos da Escola Municipal Santa Luzia do Baixo, ano 2011.



**Gráfico 3** – Representação iconográfica dos adolescentes do Baixo.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

No gráfico dos adolescentes, o ícone com a frequência > que 18 corresponde ao campo de futebol. A maioria dos adolescentes possui uma ligação com o futebol, mas o principal motivo é porque se sentem feliz, integrado aos outros através do jogar bola.

O segundo ícone e a palafita tipo de moradia típica da região amazônica, apresenta frequência > 8, e em terceiro lugar o ícone árvore, sendo que o significado de natureza já têm uma maturidade e entendimento maior que os das crianças ainda não possuem.

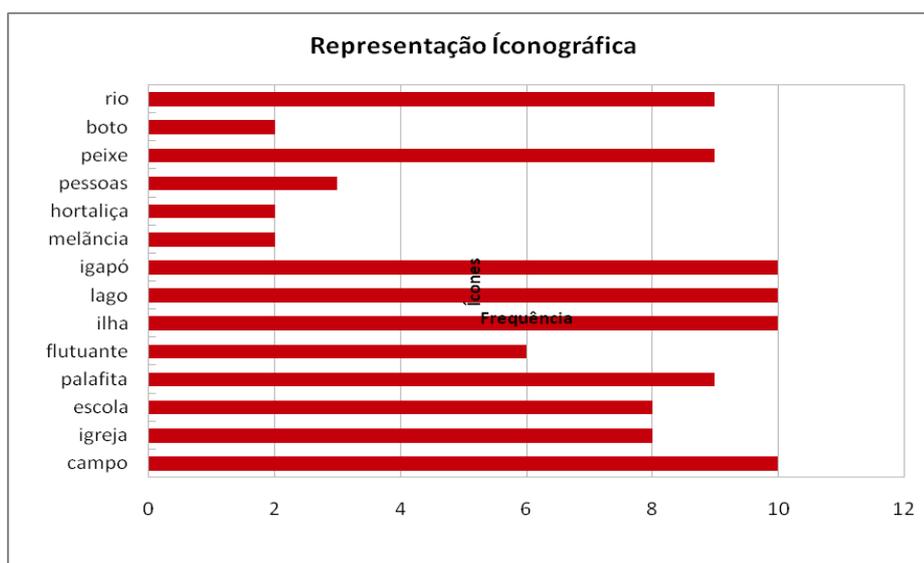


**Gráfico 4** – Representação iconográfica cor das adolescentes do Baixio.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

Na representação iconográfica a cor verde, é a cor que prevalece está associada ao ícone forma o campo de futebol.” Entre as cores cromáticas o vermelho significa sangue, vida e energia. Desde o Paleolítico Superior o homem, o ocre vermelho tem sido usado no sepultamento. (...) Na China simboliza vida e alegria”, com comenta Tuan (1980, p.28).

Os alunos que participarão da pesquisa estudam na Escola Santa Luzia do Baixio, 27 participaram da pesquisa de campo no ano 2011.

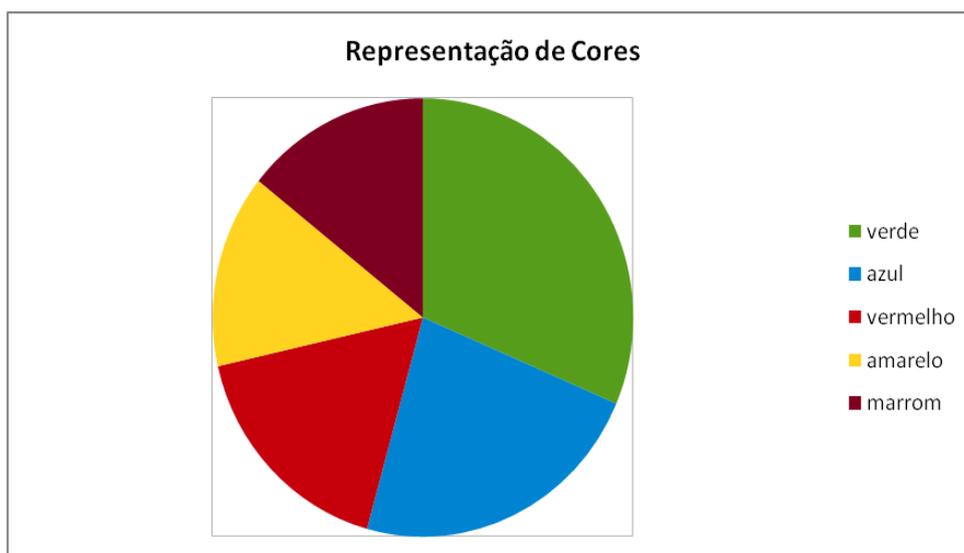
As representações iconográficas dos moradores adultos da comunidade do Baixio foram 10 totalizados, no de 2011.



**Gráfico: 5** – Representação iconográfica dos moradores adultos do Baixio.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

Para esse grupo de pessoas adultas, houve uma representação equilibrada, a frequência entre os ícones campo, ilha, lago, apresentaram uma frequência equilibrada = 7. Esse grupo compõe o nível de percepção três, a visão em relação ao lugar é mais abrangente em seus mapas contornaram a ilha toda e seu atributo.

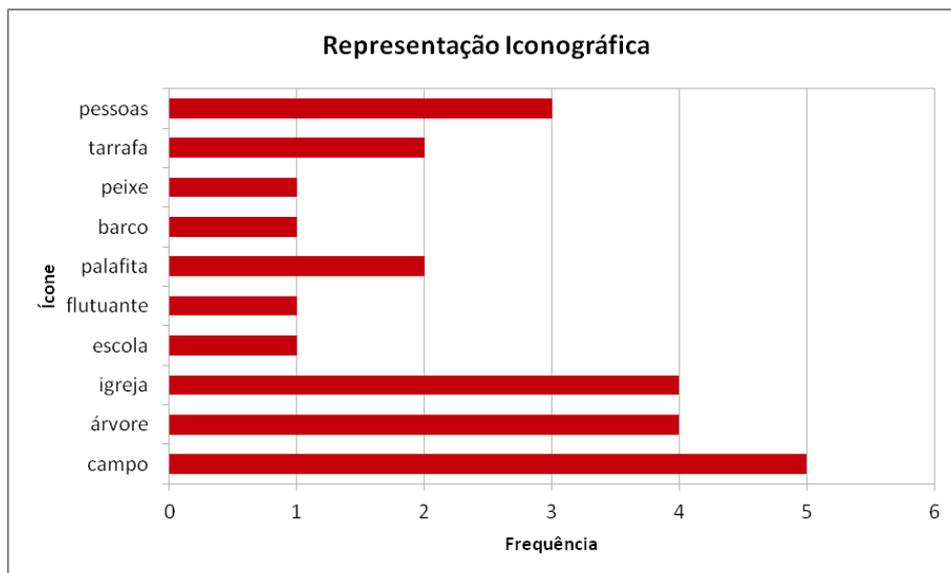
Os ícones o Rio Solimões, a palafita, peixe compreendem a frequência >8. E o terceiro ícone compreende a escola, a igreja.



**Gráfico: 6** – Representação iconográfica dos moradores adultos do Baixo.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

Na representação, cor verde é predominantemente identificada pelos elementos como o campo, a vegetação de igapó. O azul rio, palafitas, o verde representa o crescimento não só da vegetação mas também significa desenvolvimento na comunidade.

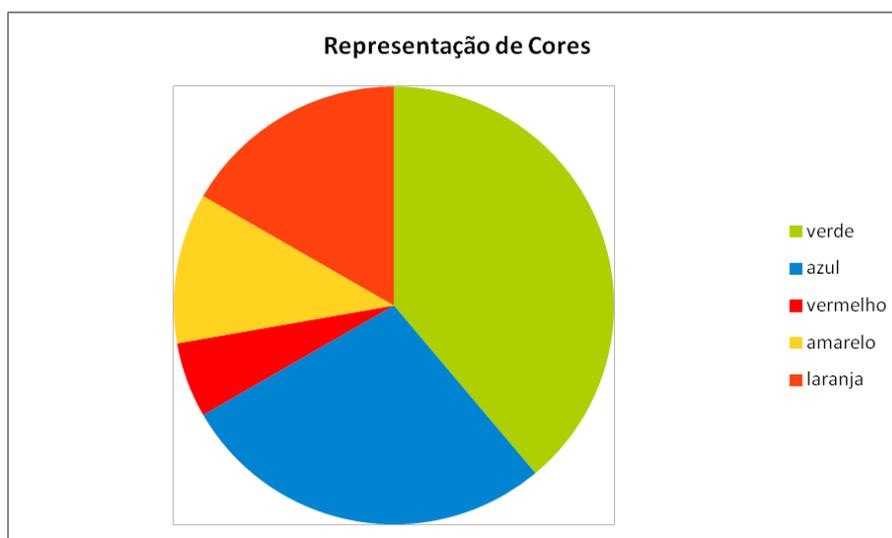
O azul representa assim como verde recuo, frieza, porém o azul é sempre julgado como mais livre do que é. Influência também no sentido do acima e abaixo. De acordo com o simbolismo das cores o azul significa ar, sabedoria, o amarelo significa riqueza, o ouro, o sol, o vermelho significa fogo, vida.



**Gráfico: 7** – Representação iconográfica dos moradores adultos da Escola do Baixo.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

A representação dos ícones com maior frequência são os do campo de futebol, a igreja, escola. O elemento mais representativo ainda é o campo de futebol o nível de percepção dos adultos da escola Santa Luzia é aproximado ao nível das crianças e as vezes ao nível 2 de percepção.

Percebemos que não podemos adotar uma regra rígida sobre as análises de percepção nos mapas mentais. Porque os elementos representados possuem um caráter subjetivo. O campo possui ícone =5 e a igreja e a escola=4 de frequência.



**Gráfico: 8** – Representação iconográfica dos moradores adultos da Escola do Baixo.  
**Fonte:** Pesquisa realizada, 2011.

As cores que sobressaem é o verde, azul, laranja. Os alunos adultos da escola Santa Luzia , apresentaram uma certa dificuldade de representar o lugar, não sabiam como representar o seu lugar, poucos conseguiram desenhar seus mapas, assim deduzimos que o nível de percepção é relativo na percepção dos adultos.

O nível de percepção do outro grupo de adultos moradores ocorreu o inverso do que ocorre ao grupo da escola esse grupo possuía uma facilidade em desenhar seus mapas, conseguiram conceber e representar com precisão o lugar em que vivem. Atribuímos esse motivo ao nível de relação que determinadas pessoas tem em detrimento de outra. As pessoas podem moram em um mesmo lugar mas não concebe o mesmo de forma única, cada um tem sua percepção.

Através dos Mapas Mentais podemos observar que os resultado dos gráficos

Como podemos observa nos mapas mentais e nos resultados dos gráficos os ícones formas e cores estão presentes nas percepções e representações iconográficas na comunidade do Baixio. Assim como as conversas e entrevistas realizadas na comunidade nos auxiliaram à complementar as análises dos mapas e gráficos.

A reflexão que trazemos sobre os Mapas Mentais em nossa pesquisa sobre o que retirar de geográfico nos Mapas Mentais. A priori tal indagação está na dúvida que surge sobre a eficiência de tal mecanismo de análise. Em nossa pesquisa podemos constatar que os mapas mentais se apresentam como uma possibilidade alternativa e eficiente no desenvolvimento de estudo de cunho geográfico.

O geográfico representado em nossa pesquisa esteve presente através das relações sócio culturais e espaciais, decifrando assim à inter relação do homem com seu lugar o que Dardel chama de geograficidade. A pesca, a agricultura, a religiosidade, a diversão, o tipo de moradia, a várzea, o igapó, o rio, a canoa, a rabeta, o campo, a palafita, o mítico. Todos esses elementos e as formas de relações estabelecidas entre o homem e esse lugar chamado Baixio, esteve representado em cada mapa concebido, através das conversas, das entrevistas com os moradores.

Comunidade do Baixio que segundo seus moradores representam um lugar muito especial, um lugar onde as pessoas estabelecem relacionamento de amizade e companheirismo. Um lugar maravilhoso, um lugar de paz, onde as pessoas o mesmo sentimento de juntas desenvolverem a comunidade.

Mas o diferencial desse lugar além da beleza cênica do lugar com sua várzea, igapó, Lagos, rios, peixes. São os próprios moradores que estão representados pelas crianças, adolescentes, adultos as quais muito contribuíram em nossos estudos e a qual nos reportamos com muito respeito admiração. Portanto esperamos ter conseguido representar o lugar chamado Baixio nessa pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunidade do Baixio, lugar que representa união, paz, organização, família, segundo a percepção dos próprios moradores, traduz uma pequena demonstração da relação do homem com o seu lugar.

É difícil descrever a comunidade do Baixio apenas com palavras, porque não é suficiente para revelar o verdadeiro significado do contato com as pessoas daquele lugar. O aprendizado sobre a pesca, a agricultura, o imaginário daqueles moradores.

Como disse Tuan, se quisermos entender determinadas culturas, temos que nos permitir a outros olhares, outras sensações. Só passa a entender o homem da Amazônia ,a partir do momento que nos permitimos, experimentar essas sensações, ou a geograficidade a qual Dardel nos apresenta.

E um privilégio ter convivido com os moradores do Baixio, são pessoas simples ,mas que possuem um respeito mútuo entre eles, nos deram uma aula de geografia , uma aula sobre etnodiversidade, um aula de vida que nunca iremos entender só lendo em livros a experiência, assim como a percepção é única.

Mas para que isso aconteça temos que ter o contato pessoal com esses moradores do Baixio essa pesquisa nos permitiu amadurecer a abordagem fenomenológica na geografia, cuja temática de mapas mentais na percepção dos moradores do Baixio, Iranduba/AM.

Através dessa pesquisa, identificamos que existem níveis diferenciados da percepção da criança, do adolescente, do adulto e que cada pessoa concebe o lugar a partir de sua própria experiência. Mesmo uma pessoa adulta pode apresentar níveis de percepção e representação que estão mais próximos da visão de uma criança do que de um adulto. E que pode acontecer o inverso uma criança pode ter um nível de percepção bastante amadurecido para sua idade.

Os Mapas Mentais são um instrumento de análise que pode ser amplamente utilizado como forma de desenvolver as habilidades sócioespaciais, mas para que isso aconteça , esse processo deve ser estimulado pelos pais, professores, deve haver uma divulgação sobre esse método. Entendemos que esse método é único mais que pode ser correlacionados a outros métodos e análises geográficas.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Rinaldo,S,V, DIEGUES, Carlos D. **SABERES tradicionais e biodiversidade Brasil.** no Brasília: Ministério do Meio Ambiente:São Paulo:USP,2001,14.25.

CASTRO, Albejane, LIMA, Marcos, FRAXE,Terezinha,WITKOSKI, Antônio . **Natureza do mundo vivido:** O espaço e lugar na percepção da família cabocla, ribeirinha. IN SHERER, Elenice , OLIVEIRA, José A. Políticas públicas e diversidade cultural.Rio de Janeiro:GARAMON,2006, p.238.

CASTELLAR, Sônia,M,V. **Ensino da Geografia :** São Paulo: Cengage Learning. 2010. (coleção idéias em ação). p.29

\_\_\_\_\_.**A geografia no ensino fundamental.** In: . Secretaria de Educação. PEC. Formação universitária: municípios: São Paulo: Secretaria de Educação, 2004. V.6 p.1561.

CLAVAL. P. **O papel da nova geografia cultural, na compreensão de ação humana.** In ROSENDAHL. Zeny,CORRÊA, Roberto, L. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.2001.40,41.

BENIZ, Gabriel,A, FRAXE, Terezinha, LIMA, Marcos,WITKOSKI.Antônio.**As comunidades amazônicas sob a perspectiva do conhecimento local o olhar do cotidiano.**IN:FRAXE,PEREIRA,WITKOSKI.Comunidades ribeirinhas amazônicas:memória,ethos e identidade.Manaus: EDUA,2007.p.145,146,147.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica.Tradução Holzer, Werther.São Paulo: Perspectiva,2011 p.39,41,51,47..

DERBABIEUX, **Les problematique de l' imageet de La représentation em geographie humaine,** Paris Colin. 1998.

DIEGUES, A,C. **Etnoconservação:** Novos rumos para proteção da natureza.São Paulo: HUCITEC,2000,P.28

FRAXE,Terezinha, MIGUEZ, Sâmia,WITKOSK, Antônio, c. **Caracterização sociocultural das comunidades de área focal do Piatam.** IN FRAXE,Terezinha,, PEREIRA,Henrique,s, WITKOSKI, ANTONIO,c (ORG).Comunidades ribeirinhas memórias, ethos e identidade. Manaus:EDUA,2007. p.60.

\_\_\_\_\_, **Comunidades ribeirinhas :**representações socioculturais na área de atuação do projeto piatam. IN produzir e viver na Amazônia rural: estudo sócio demográfico de comunidades do Médio Solimão. Teixeira, Brasil , Rivas : estudo sócio demográfico de comunidades do Médio Solimões.(org) 2ed.rev. Manaus: Instituto piatam.2008.

FRÉMON, 1975, **La région, espace vécu**, Paris.Puf.

FREIRE, Sérgio , **Amazonês. - Expressões e termos usados no Amazonas**. Manaus : VALER,2011.

GUERRA, Antônio T. **Dicionário geológico- geomorfológico**.8 ed. Rio de Janeiro 2003.p.49,372,433.

HARLEY, J,B. **A Nova história da cartografia**. *O correio da UNESCO (mapas e cartógrafos)*. Brasil,ano 9,n,08,agosto,1991 p,7,9.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**. Sua trajetória de 1950-1990. Dissertação de mestrado. Instituto de geociências Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992, p.085,188

\_\_\_\_\_ **O conceito de Lugar na geografia cultural- humanista**: uma contribuição para geografia contemporânea.IN *GEOgraphia* ano v. n. 19 ,2003. Universidade Federal Fluminense. p.113

KOZEL, Salete. (org).et AL. **Da percepção e cognição a representação** : reconstruindo teorias da Geografia Cultural e Humanística.São Paulo:Terceira Margem ;Curitiba: NEER,2007,p.116.

LÉVY, Jackes, LUSSAUIT, M (org). **Dicctionare de la geographie et de l space de la societés**. Paris , Belin, 2003. Tradução de Jaime Tadeu Oliva.

LIMA, Angélica ,M,L, KOZEL,S. **Lugar e mapa mental** : uma análise possível p.211,212. *Revista geografia*. V.18 n.1 jan./jun 2009. Universidade Estadual de Londrina . Departamento de Geociências.

LOUREIRO, João,J. **Cultura amazônica. Uma prática do imaginário**. Belém :CEJUP,1995.

MARTINS, Élvio,R. **Pensamento geográfico é geografia em pensamento**. Geografia e mídia impressa KATUKA,AM(Org). Londrina: Moria, 2009.

MELLO, João Baptista F,( **Descortinando e Re) Pensando categorias espaciais com base na obra de YI-FU-TUAN**. In ROSENDAL, Zeny, CORRÊA, Roberto. Rio de Janeiro : EDUERJ,2001. P.40,62,92,

MERLAU- PONTY, Maurice.**Fenomenologia da percepção** . Trad. MOURA, Carlos ,A,R, . 2 ed. São Paulo :MARTINS, 1999.

NOGUEIRA. AMÉLIA,R,B. **Uma interpretação fenomenológica na geografia** . In GALENO, A.(org). *Geografia ciência dos Complexos*. Porto Alegre: SULINA, 2004. P.212,228,224.

\_\_\_\_\_, **Percepção e representação gráfica: a geofiticidade nos Mapas Mentais dos comandantes de Embarcações no Amazonas.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP. P.19,81,85,86,95,105.

OLIVEIRA, Junior,J, A, **.Arquitetura ribeirinha sobre as águas : habitat em ambientes complexos.** São Paulo 2009. Dissertação de Mestrado. FAUSP.2009.p.16,17.

PEREIRA, Henrique. **A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas Rio Solimões –Amazonas.** IN FRAXE, Terezinha PEREIRA, Henrique, WITKOSKI. Antonio C.Comunidades ribeirinhas: modos de vida e uso de recursos naturais,Manaus,2007,p,17.

\_\_\_\_\_, **A diversidade da pesca nas comunidades de área focal do Piatam** In FRAXE,PEREIRA,WITKOSKI. Comunidades ribeirinhas modos de vida e uso de recursos naturais. Manaus: EDUA,2007,P.17

SIMIELLI, Maria Helena. **A cartografia no Ensino da geografia,** IN Secretária de Educação. PEC- formação universitária: municípios São Paulo:Secretaria de Educação. 2004.v,6 p.1588.

\_\_\_\_\_, **O mapa com meio de comunicação e alfabetização cartográfica.** ALMEIDA,R (org). Cartografia escolar 2009.p.90

TUAN,YU-FU , **Topofilia. Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente .** São Paulo /Rio de Janeiro,1980 .p.64,65,107.

\_\_\_\_\_, **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Lívia de Olliveira.São Paulo: DIFEL, 1983.p.43,84,87

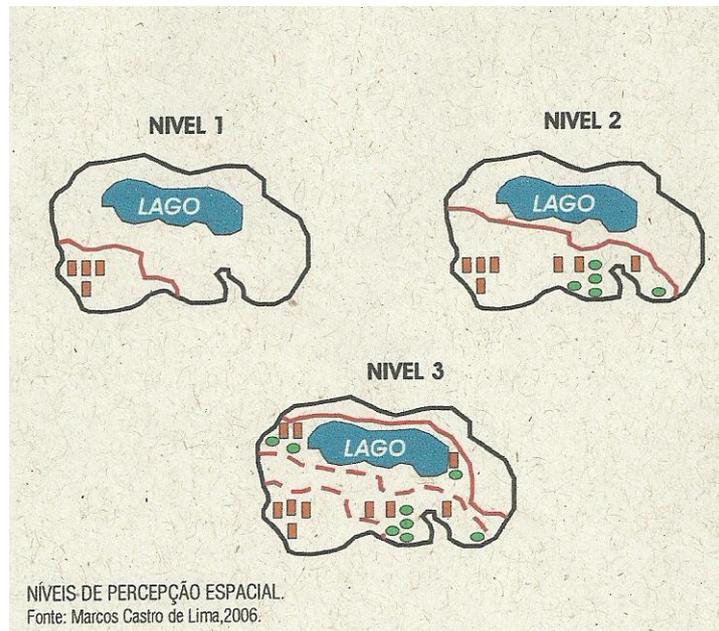
## Anexo (1) Roteiro de perguntas dos moradores do Baixo.

**Roteiro de Perguntas**

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

- 1 – O que é Baixo para você?
- 2 – O que tem de mais legal viver no Baixo?
- 3 – O que esse lugar é diferente dos outros lugares para você (vocês)?
- 4 – Quais os moradores mais antigos do Baixo?
- 5 – Quais pessoas moram aqui /Família?
- 6 – Quais historias relacionadas ao lugar, as pessoas, você conhecem?
- 7 – Vocês poderiam contar?
- 8 – Do que vocês têm medo, nesse lugar?
- 9 – Como vocês sabem navegar sem se perder nos rios, igarapés, furos, lagos ?
- 10 – Qual a diferença da comunidade na época da cheia.
  - Aspectos geográficos como fica a Ilha,
  - Quais as atividades dos moradores, trabalhos e escolas?
- 11- Qual a principais atividades econômicas dos moradores na época da cheia e na seca.
- 12 – Como vocês sabem definir qual é o lago que tem peixe e qual o instrumento de pesca mais utilizada pelos moradores?
- 13 – Como você fazem a divisão das tarefas na comunidade em uma casa.
- 14 – Quais os transportes utilizados na cheia.
- 15 – Quais são as principais atividades culturais na comunidade. Festas importantes.
- 16 – Como é a convivência de vocês na época da seca?
- 17 – Quais os transportes utilizados na seca?

## Anexo (2) Nível de percepção espacial.



## Anexo (3) Croquis da comunidade Santa Luzia do Baixo.



Anexo (4) Croqui da Ilha do Baixo.

